

## SERÁ O KOSOVO UM NOVO ESTADO?

Uma análise da aceitação e da não aceitação no discurso dos Estados sobre o Kosovo

Patrícia Calca<sup>1</sup>

### Resumo:

*O Kosovo e a tomada de consciência, por parte dos vários Estados existentes no mundo, de que a região se autoproclamou um Estado, são aspectos centrais na apreciação que aqui se inicia. Região controversa por razões diversificadas, desde a História à Geografia, passando pelos aspectos étnico-religiosos, hoje, a Comunidade Internacional, ou pelo menos parte dela, já reconhece o Kosovo enquanto entidade estatal. Neste sentido urge colocarmos algumas questões que se tornam principais na análise do tema, que ideia é esta a de Estado? Que concepção deveremos utilizar? Que elementos considerar? Existirá uma fórmula para definir o que é ou não um Estado? Ainda faz sentido esta "tipificação" das comunidades humanas? Como é que diversos países do mundo viram e vêem esta proclamação enquanto Estado soberano por parte do Kosovo? Faremos a análise possível adentro desta abordagem, contudo, por motivos de ordem prática optámos por realizar o estudo desta "visão" a partir de alguns países que previamente escolhemos, tal como o exame dos textos formais advindos destes mesmos países. Resta-nos a dúvida que ronda o território kosovar desde há muito: para quando a paz da constância e da continuidade na região? Interrogação à qual acrescentamos uma outra questão, será que este novo Estado - o Kosovo, poderá servir de mote para uma paz balcânica?*

**Palavras-chave:** Kosovo; Estado; Europa; Soberania; Balcãs.

---

<sup>1</sup> É licenciada e mestre em Ciência Política, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, e doutoranda em Ciência Política pela Universidade de Lisboa. É, presentemente, investigadora da CIES-ISCTE no projecto "Estudo da Corrupção em Portugal - A Realidade Judiciária. Um enfoque Sociológico (Fase 2)". É bolseira de doutoramento da Fundação da Ciência e Tecnologia. As suas principais áreas de interesse: Teoria dos Jogos (*Rational-Choice*), Geopolítica, Estudos de Segurança e Defesa, Teoria Política, Sociologia e Comunicação Políticas. E-mail: [patriciacalca@gmail.com](mailto:patriciacalca@gmail.com).

*O Estado está acima do cidadão, mas o homem está acima do Estado. Nenhum Estado, nenhum Imperador, nenhuma lei humana podem obrigar o indivíduo a proceder contra a sua consciência, isto é, contra a salvação da sua alma. O inferior não pode obrigar o superior.*

(FERNANDO PESSOA)

*A Jugoslávia é um país com sete fronteiras, seis Repúblicas, cinco nações, quatro línguas, três religiões, dois alfabetos e um desejo: a independência.*

(NEHRU)

Norteia-nos a necessária abstracção do conceito de Estado enquanto realidade renovada no caso do Kosovo. A História que esta zona territorial encerra coaduna-se com uma complexidade própria de zonas de enclave, de passagem e de trocas entre humanos.

Enquanto *entidade* estatal auto-proclamada no ano de 2008 e, aceite por alguns países da *Comunidade* Internacional, o Kosovo é hoje uma realidade complexa no que à sua formação enquanto Estado diz respeito. Primeiramente, porque o emaranhado global dos dias que correm, causa e consequência da Globalização, da alteração das fronteiras no sentido mais tradicional, tem gerado novas realidades sociais e humanas às quais o Estado enquanto construção do Homem não ficou impune. Mas que ideia é esta a de Estado? Que elementos parecem ser considerados? Existirá uma fórmula para definir o que é ou não um Estado? Ainda faz sentido esta *tipificação* das comunidades humanas? Quais foram os critérios mobilizados para o reconhecimento e para o não reconhecimento em 2008 por parte de outros Estados relativamente ao Kosovo? Que Estados foram esses? Estas são algumas das questões que guiam a nossa análise.

A estrutura da nossa investigação subdivide-se em dois grandes pontos. Num primeiro, damos azo ao contexto do Kosovo, com isto queremos dizer, que neste item abordaremos factores explicativos de diversas actuações, como sejam a Geografia, a História e a ideia de Comunidade e Identidade na região. Na segunda divisão, procuramos esmiuçar a *História* do presente, consignando as duas auto-proclamações de independência (1991, 2008) e

posteriormente, os critérios mobilizados para o reconhecimento ou não da República do Kosovo. Aqui, importa-nos grandemente a percepção de como os diversos Estados da *Comunidade Internacional* reconheceram ou não reconheceram a República do Kosovo, que justificações apresentaram? Ou seja, cada um dos Estados que optou por se posicionar relativamente a estes acontecimentos que referimos terá previamente, a bem da sua política externa, alianças, interesses, e outros factores, ponderado o seu posicionamento oficial, e mais, terá ponderado as suas palavras. Por tal, além da análise mais óbvia dos discursos e declarações oficiais, tentámos enquadrar cada um dos Estados relativamente à sua actuação.

Nem sempre nos foi possível, através da análise textual, perceber exactamente que ideia ou conceito de Estado era considerada como justificativa, para o reconhecimento ou não. Todavia, as pistas que fomos encontrando puderam-nos guiar nesta noção da legitimação, ou não, do novo *Estado* kosovar.

Terminando esta breve apresentação, importa acentuar o facto de que não procuramos aqui compreender a totalidade dos acontecimento, tal seria só por si uma impossibilidade, mas sim contribuir em forma de conjunto de informação e sua análise, para o que se vai apelidando da Ciência em construção.

O interesse no nosso tema de investigação advém de trabalhos académicos anteriormente realizados. A escolha do nosso tema vai de encontro ao que Carlos Moreira refere, *a selecção do tema e o próprio desejo de investigar são, com efeito, frequentemente orientados por razões biográficas, intelectuais, políticas ou de carreira profissional.*<sup>2</sup>

No que respeita à estrutura que adoptámos, procurámos seguir as normas aplicadas às Ciências Sociais, num trabalho científico, *em termos gerais, a definição dos objectivos de pesquisa passa, portanto, por três fases: identificação de um tema; definição do problema da pesquisa e do próprio fundamento da investigação; identificação dos principais conceitos, suas dimensões e indicadores.*<sup>3</sup>

Decorrente do anterior, surge como nossa questão de pesquisa, ou pergunta inicial, a seguinte: *Quais foram os critérios mobilizados no reconhecimento e no não reconhecimento do Kosovo enquanto Estado?*

---

<sup>2</sup> Carlos Diogo Moreira, *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*, ISCSP-UTL, Lisboa, 1994, p.20;

<sup>3</sup> Idem, *Ibidem*;

Tendo esta questão para nos nortear, procurámos avançar com algumas hipóteses de pesquisa no sentido de melhor seguir o nosso caminho. De seguida passamos a apresentá-las:

**H1:** Os Estados que reconheceram o Kosovo enquanto Estado demonstraram no seu discurso de aceitação do mesmo através de conceitos normativos ou valorativos.

**H2:** Os Estados que reconheceram o Kosovo enquanto Estado não têm no seu território minorias étnicas, religiosas ou outras com significância suficiente para idealizarem uma auto-determinação/independência.

**H3:** Os Estados que não reconheceram o Kosovo enquanto Estado demonstraram no seu discurso de não-aceitação do mesmo através de conceitos normativos ou valorativos.

**H4:** Os Estados que não reconheceram o Kosovo enquanto Estado têm no seu território minorias étnicas, religiosas ou outras com significância suficiente para idealizarem uma auto-determinação/independência.

O caminho da investigação que fizemos centrou-se numa pesquisa de bibliografia em termos específicos, muito direccionada para a caracterização da região em análise, seguindo-se-lhe, uma procura, por norma em Sítios da *Internet*, que nos possibilitasse informação mais actual, dado que os últimos acontecimentos respeitantes ao Kosovo não foram, de acordo com o nosso conhecimento sobre a situação, ainda tratados e publicados em bibliografia especializada sob a forma de livros.

Efectivamente, na prossecução da nossa análise confrontámo-nos com uma realidade composta por muitas complexidades, o que nem sempre facilita o nosso percurso. Como Stuart Mill assinala, identificámo-nos de maneira particular com a sua visão, *se a formação do carácter individual já é um complexo sujeito de estudo, este sujeito deve ser, surgindo pelo menos, ainda mais complexo; devido ao número de causas concorrentes, exercendo todas uma maior ou menor influência no efeito total, é maior, na proporção em que a nação, ou as espécies em sentido geral, expõem uma grande superfície na actuação dos agentes, psicológica e física, do que um único indivíduo. Se for necessário provar, em oposição a um preconceito existente, que mais simples dos dois é capaz de ser um sujeito de ciência; o preconceito provavelmente será mais forte contra a possibilidade de dar um carácter científico ao estudo da Política, e ao fenómeno da Sociedade.*<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> John Stuart Mill, *A System of Logic, Ratiocinative and Inductive – Being a Connected View of the Principles of Evidence and the Methods of Scientific Investigation*, Livro VI, Routledge, Grã-Bretanha, 1996, p.875;

## I. ESTADO DE PEDRA E DE SANGUE

### 1. A GEOGRAFIA

*O Kosovo é uma área a sudeste da Sérvia. Esta zona gozou de autonomia durante muito tempo, até se auto-proclamar independente da Federação da Jugoslávia e da Sérvia em 1991. Facto que a Sérvia não aceitou pacificamente, este desejo voltaria a manifestar-se em 2008. Esta parece ser já uma saga da Europa, afinal no seu quintal – os Balcãs, acontecem sempre imprevistos e dualidades delicadas. Na Europa, realmente, as grandes questões, os problemas pendentes, as esperanças reafirmadas, os fenómenos recorrentes de irredentismo, giram à volta de mapas e de traçados de fronteiras, que guerras esforçadas estabeleceram com total desprezo de direitos populares, garantias étnicas, autonomia cultural e respeito histórico por tratados e acordos devidamente celebrados.<sup>5</sup>*

Com uma área aproximadamente de 10 887km<sup>2</sup>, o Kosovo, geograficamente, caracteriza-se pelo seu carácter montanhoso. A montanha Sar Planina mede 2 640m de altura, é a mais importante da região. Os rios Bell, Drin e Iban são os mais significativos que atravessam o território. Esta zona é considerada uma das mais pobres regiões da Europa. As suas maiores cidades são Pristina (a capital), Prizren e Pec. Na sua História registam-se rupturas de diversos tipos, variações de trocas comerciais e muitas influências a inúmeros níveis.

Inserido na região balcânica, o Kosovo acaba por adoptar características próprias da mesma. Os Balcãs são uma região de rotas, neste perímetro assegura-se a passagem entre a Europa Central e a Ásia. Mais de 90% da população do Kosovo era no final dos anos 90, antes dos bombardeamentos de 1999 causa de grandes deslocações da população, de etnia albanesa, hoje os dados indicam valores idênticos (88%) mesmo conforme dados CIA.<sup>6</sup> A maioria dos habitantes que não são albaneses, são sérvios ou montenegrinos. Esta repartição da população, deve-se, em essência, a muitos contrastes aí verificados fruto de distintas zonas económicas, relevo desigual, recursos díspares e modos de vida diferenciados. Muito em resultado das migrações que se deram nesses territórios ao longo dos últimos séculos ter-se-á

---

<sup>5</sup> António Marques Bessa, "Para uma Geopolítica do Conflito na Europa do Nosso Tempo", *Conjuntura Internacional*, ISCS-UTL, Lisboa, 1996, p.226;

<sup>6</sup> Sobre este assunto consultar <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/kv.html>;

originado uma fisionomia étnica, bem como, uma composição social e fronteiriça, em permanente mutação.<sup>7</sup>

Numerosos foram já os termos utilizados para definir a extraordinária variedade de povos presentes nesta região. A repartição de línguas e de religiões atesta e comprova a maneira acentuada de alguns dos problemas que aí se vivem. No território correspondente à antiga Jugoslávia falam-se mais de três línguas principais, a sérvio-croata (que se subdivide em três dialectos), a eslovena e a macedónia. Os albaneses falam, ainda, mais dois dialectos.

A religião e a variedade profissional são realidades particulares a ter em cogitação, ou não fossem sinónimos de divisão e discriminação. O catolicismo domina as regiões mais próximas da Itália e da Áustria, enquanto a prática da religião das forças mais ortodoxas advenientes da contra reforma dá-se na Eslovénia, Croácia e Albânia do Norte. Por sua vez, o Islão é mais significativo nas minorias turcas, por exemplo na Albânia (70% de muçulmanos), na Macedónia e em alguns distritos da Bósnia-herzegovina. Um pouco por todo o lado existem católicos, muçulmanos e ortodoxos, o que certamente contribui para tornar esta zona num *melting pot*. Os pontos que são assinalados como relevantes para o recomeço dos conflitos na Europa hoje em dia ocorrem porque há disputas claras entre as diversas entidades europeias, tendo como ideia central o tema do território, as *riquezas disponíveis, vantagens de poderio, mas também causas de confronto entre populações dentro do mesmo Estado, onde etnias, minorias ou povos se sentem maltratados, discriminados, ameaçados, dominadas contra a sua vontade. Quer no primeiro caso, quer no segundo, trata-se de elementos de difícil eliminação.*<sup>8</sup>

Variados têm sido os autores que têm referido as ambiguidades, inclusivamente históricas, que se verificam nesta zona de transição. Marques Bessa refere mesmo que se considerasse o princípio das nacionalidades, ainda que numa concepção alargada, seria muito complexo enquadrar o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, teoricamente. As suas palavras tão bem resumem factores de História que aqui e ali influenciam e são influenciados pelo posicionamento geoestratégico da região. Isto é, pelo jogo de xadrez que aí se vive entre grandes potências e que se perde no tempo. Nos vocábulos do autor sobre os Balcãs facilmente se constata: a *dinastia sérvia dos Karageorgevich que, em 1921, pela mão do centralista Alexandre I, passou a Reino da Jugoslávia, a Checoslováquia, uma punição aos*

<sup>7</sup> Sobre este assunto ver André Blanc, *Géographie des Balkans*, Presses Universitaires de France, Paris, 1971, pp.33-52;

<sup>8</sup> António Marques Bessa, *Introdução a uma teoria do conflito: uma perspectiva geopolítica*, Fundação Luso-Africana para a Cultura, Lisboa, 1999, p.69;

*austríacos, os Estados Bálticos, uma afronta à Rússia derrotada e comunizada pelo partido de Lenine, a Polónia com o seu corredor marítimo e a cidade livre de Dantzig, tudo num desenho que punia ao mesmo tempo a Alemanha e a Rússia, que aliás, pelos comunistas, tentou rever a questão depois do esmagamento dos inimigos internos e a França com o disputado território da Alsácia-Lorena.*<sup>9</sup>

A nossa análise tem que, forçosamente, rondar os aspectos situacionais da zona em questão. Não só porque em termos efectivos a geografia e tudo o que encerra influi no percurso das sociedades, como e porque, o nosso trabalho versa um determinado território que *se fez Estado*. O Kosovo é uma terra de grande simbologia histórica para sérvios e para albaneses, também é, particularmente, de grande interesse estratégico, se quisermos falar de uma análise alicerçada no todo mundial.

A ex-Jugoslávia sofreu nos últimos decénios algumas alterações que, só por si, já faziam prever novos desenlaces e soluções. Por exemplo, entre os anos de 1988 e 1999, o seu traçado alterou-se, assim como se alteraram características importantíssimas no que diz respeito ao peso de um Estado, neste caso de uma Federação. Sobre a Jugoslávia Dragnich afirma que os povos da República Federal da Jugoslávia (RFJ) *nunca tinham vivido juntos sob o mesmo tecto. Habitaram em diversas casas, muitas vezes não a sua própria, e submetidos a senhores com diferentes códigos de comportamento. Se bem que, em essência, falassem a mesma língua, conheciam-se uns aos outros apenas à distancia e incompletamente. A maioria deles aderira à cristandade, ou ortodoxa ou católica romana, mas alguns acreditavam no Islão. Tinham muitas vezes ouvido românticas versões de como eram parecidos e razões por que se deviam unir, mas isto tinha parecido um sonho distante. Então, repentinamente, enquanto os seus senhores combatiam, viram-se livres para se unir. Numa atmosfera de emoções desencontradas e com muitas expectativas idealísticas, agarraram o momento e apressadamente consumaram uma união.*<sup>10</sup>

A superfície da Federação diminuiu para menos de metade num curto espaço de tempo, acompanhou este decréscimo a alteração dos recursos e obviamente, o seu poder relativo na região e influência no mundo. A população do território, em 1999, também se vê diminuída em pouco mais de 50%. Depois, se compararmos as importações e as exportações, portanto a dinâmica económica, as diferenças passam a ser abismais, para pior.

<sup>9</sup> António Marques Bessa, "Para uma Geopolítica (...), *Op.cit.*, p.228;

<sup>10</sup> Alex N. Dragnich, *Sérvios e Croatas*, Bertrand Editora, Venda Nova, 1993, p.54;

Outra das confrontações que se podem fazer com os restantes países balcânicos é que em 1988 lidavam com uma Jugoslávia bastante diferente da de 1999. Assim sendo, a Bulgária, a Roménia e a Grécia passam a ter mais território do que a Federação. Ou ainda, a Croácia que com menos população e território consegue ter um Produto Interno Bruto (PIB) maior do que a Jugoslávia, à semelhança da Eslovénia e da Hungria.

## 2. A HISTÓRIA (ANTIGA E MAIS RECENTE)

No ponto anterior fomos fazendo uma espécie de cruzamento entre a Geografia do território em causa e a sua envolvente com alguns aspectos históricos. Todavia, manifesta-se absolutamente premente, neste momento, aprofundar alguns aspectos decisivos no desenrolar dos últimos acontecimentos e reacções a este respeito relacionados. O território do Kosovo é o berço do Estado Medieval Sérvio. Esta região é considerada pelos sérvios como uma das duas terras antigas da sua nacionalidade (o Kosovo e a Metohija localizada mais a norte). A área, conhecida como local de rotas e de passagem devido a tais características foi, desde sempre, ávida em conturbações de carácter histórico-conflitual.

Na altura da formação do denominado Estado Medieval Sérvio, o território foi povoado quase na totalidade por população Cristã Ortodoxa. Parece ser fácil confirmar que o Kosovo é um território sérvio através de uma simples análise de topónimos – todas as localidades têm nomes sérvios, inclusive a palavra Kosovo que provém da palavra sérvia *kos*, que significa melro, pássaro. Contudo, não nos podemos abstrair de alguns pontos de particular importância nesta análise. Na saga em questão, sublinhamos o facto de que desde o II milénio antes de Cristo os *Illyrios* (antepassados dos albaneses) habitavam a Península Balcânica, incluindo o território do Kosovo. Mais tarde, este território e outros, a ele adjacentes, terão sido anexados pelo Império Romano.

Do século VIII ao século XII depois de Cristo, o espaço que hoje se chama Kosovo coincide com o lugar do Estado Medieval de Rascia. No final do século XII Stefan Newanga, sérvio, anexa o Kosovo. A partir desta altura, Pristina passa a ser a capital do principado sérvio. Durante este período a população do território aumentou.

Os sérvios perderiam o Kosovo na Batalha contra o Império Otomano em 1389. A partir dessa data, todo o antigo território sérvio tornar-se-ia, por cinco séculos, pertença otomana. Durante este período, os sérvios foram sistematicamente expulsos do Kosovo pelas autoridades



islâmicas turcas, sendo o território, a pouco e pouco, povoado pelos recentemente convertidos albaneses ao Islão. Apesar de tal facto, a população mantinha-se, na sua maioria, sérvia, isto é, cristã ortodoxa. A povoação massiva dos albaneses neste território começa no fim do século XVIII, incentivada pelos governadores turcos, na tentativa de tornar a maioria da população islâmica.

Após as conturbações históricas das quais demos algumas notas de referência, surgiram, na senda dos nacionalismos<sup>11</sup> *européus, alguns movimentos de carácter nacionalista nesta área. Os mais conhecidos foram denominados Povos Eslavos do Sul (século XIX). O seu principal objectivo político apregoado incluía a população do Kosovo no espaço do seu Estado. Defendiam uma independência nacional através da requesta de criar o próprio Estado-nação croata, sérvio, esloveno ou búlgaro.*<sup>12</sup>

No século XIX existia entre quase todos os eslavos, incluindo os do Norte (polacos e checos), um sentimento comum de quem é subjugado dentro de um Império. Todavia, na primeira metade do século XIX, somente o Montenegro e a Sérvia eram Estados realmente independentes. Os sérvios, por exemplo, com o levantamento de 1804, conseguem a recuperação de um Estado nacional, iniciando a construção de um sistema político com base nas regras da democracia.

Conquanto, entre os Povos Eslavos do Sul, existiam, já nesta altura, marcantes diferenças políticas, sociais e culturais. Por exemplo, enquanto que os sérvios eram maioritariamente camponeses, os croatas e os eslovenos, para além de camponeses, eram também comerciantes. Ainda que existissem diferenças sociais, religiosas e culturais assinaladas, os povos eslavos<sup>13</sup> dos Balcãs não terminam a construção da sua própria nação. Com excepção da Eslovénia, todos os outros povos eslavos do Sul tiveram o seu Estado nacional durante a Idade Média. Aliás, os Estados medievais dos eslavos incluíram nos seus territórios vários povos ou tribos, nunca chegando a construir um Estado de uma só nação.

*As diferenças entre os Povos Eslavos do Sul eram tão evidentes que a fusão nacional, durante toda a existência do Estado da Jugoslávia, foi sempre uma dificuldade. Quando a consciência*

---

<sup>11</sup> Sobre este assunto consultar de António Girão, *A Questão das Nacionalidades nos Nacionalismos e nas Minorias Nacionais na Ex-Jugoslávia*, Universidade Moderna, Lisboa, 1997;

<sup>12</sup> Milan Rados, *Quem Matou a Jugoslávia?* Campo de Letras, Porto, 1999, p.36;

<sup>13</sup> A propósito da definição e concepção da ideia de povos eslavos consultar Jean-Baptiste Duroselle, *L'Europe – Histoire de ses Peuples*, Hachette, Paris, 2000;

*colectiva nacional nos Balcãs foi estabelecida, na segunda metade do século XIX, já era pan-sérvia ou pan-croata.*<sup>14</sup>

No que diz respeito aos conflitos, o primeiro conflito armado da região do qual existem registos, entre sérvios e albaneses, remonta à insurreição sérvia contra o Império Otomano entre 1876-1877, quando os segundos combatiam ao lado dos turcos contra sérvios e montenegrinos. O resultado da batalha armada entre sérvios e albaneses foi o nascimento e/ou reforço de uma forte animosidade nacional e religiosa que culminou com a formação da Liga de Prizren.<sup>15</sup> Durante a primeira guerra balcânica, 1912, sérvios, montenegrinos, gregos e búlgaros derrotaram a Turquia, expulsando-a do território dos Balcãs, com excepção dos estreitos de Bósforo e Dardanelos.<sup>16</sup>

O conhecimento da História leva-nos a salientar que este ponto no mapa é atreito a acontecimentos marcantes para a Humanidade. Um dos mais relevantes dar-se-ia nos Balcãs no início do século XX, tendo marcado não só a História da região mas também a História mundial. Ainda se discute o que aconteceu em Sarajevo a 28 de Junho de 1914 quando Francisco Ferdinando, herdeiro do trono Austro-Húngaro, visitava a cidade onde foi assassinado por Gavrilo Princip, um jovem nacionalista sérvio.

O dia 28 de Julho de 1914 coincidia com o dia do Vidovdan, data muito importante para a consciência nacional colectiva sérvia. Lembrança da mítica batalha do Kosovo onde os sérvios perderam o seu Estado medieval. O clima de tensão entre o Reino da Sérvia e o Império Austro-Húngaro foi uma constante ao longo de todo o século XIX. A visita do futuro Imperador a Sarajevo, naquela data, poderá ter constituído uma provocação. No seguimento dos acontecimentos, o Império Austro-Húngaro faz exigências que a Sérvia não acata na sua totalidade. Dá-se início a uma guerra que se tornaria mundial, também fruto da bipolarização entre os dois blocos inimigos.

Finda a I Grande Guerra, em 1918, o Kosovo é incorporado no Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Mais tarde chamar-se-ia Jugoslávia a esse Reino. Os albaneses seriam as principais vítimas neste período pós-guerra, retaliados entre 1918 e 1919. O governo de Belgrado expulsou-os, fechou as suas escolas, confiscou as suas terras e tomou decisões danosas no seu

<sup>14</sup> Milan Rados, *Quem Matou(...)*, *Op.cit.*, p.35;

<sup>15</sup> Trata-se de um movimento nacionalista albanês cujo programa era a criação de uma Grande Albânia, de que já tivemos ocasião de referir a propósito das suas matrizes ideológicas. Na Grande Albânia deveriam ser incluídos o Kosovo, bem como, alguns territórios da Grécia e da Macedónia;

<sup>16</sup> Milan Rados, *Quem Matou(...)*, *Op.cit.*, p.37;

sentido. Os albaneses do Kosovo resistiram à incorporação na Jugoslávia, mas em 1945, Josip Broz Tito termina com a resistência kosovar e segue o seu propósito.

A partir daí, o Kosovo é organizado como um súbdito administrativo da República Sérvia. Inicialmente, como uma região autónoma, mais tarde, em 1968, como uma província autónoma. Apesar da situação, aparentemente resolvida, continua a existir um movimento kosovar que defende a independência e que secretamente vai actuando. As primeiras exigências nacionalistas albanesas só apareceram em público em 1968, no decorrer da primavera dos nacionalismos comunistas. Estes protestos acabam por influenciar a redacção da Constituição da Jugoslávia de 1974, que veio aumentar a autonomia do Kosovo. Perante o governo federal a província autónoma do Kosovo tem a mesma posição que a República da Sérvia.

O Kosovo, enquanto parte integrante na Jugoslávia foi governado durante o período titista, como se de um Estado independente se tratasse. O líder albanês comunista, Enver Hodza, afirmou que não existia uma nação albanesa do Kosovo, mas sim uma única que vivia na Albânia, Kosovo, Montenegro, Macedónia e Grécia, falando uma única língua. Esta proclamação teve eco no Kosovo. Desta forma, na capital Pristina seria iniciado e ministrado na Universidade o ensino da língua albanesa.

O aumento da autonomia do Kosovo é oficializado com a nova Constituição da Jugoslávia comunista, 1974,<sup>17</sup> que reforça a sua autonomia. A região fazia parte da República Sérvia mas, ao mesmo tempo, tinha a sua representação directa nos órgãos da federação.

Em verdade, apesar das críticas imputadas a Tito, *em relação à antiga Jugoslávia monárquica, a República Federativa de Tito constitui um enorme progresso; a autonomia das Repúblicas é real, os seus «governos» e «parlamentos» não são fechados. Mas com o enriquecimento do país e o desenvolvimento da ideologia de autogestão, os nacionalismos locais redespertaram, e os antagonismos que se julgavam adormecidos também.*<sup>18</sup>

As inimizades e contradições existentes nesta região não são novidade e a miscelânea ainda que adormecida não é esquecida. Por exemplo, a Croácia, de cariz católico mais ocidentalizada do que a vizinha Sérvia, *achava desde 1918 que era explorada pelos Sérvios. Foram os Ustachi,*

<sup>17</sup> Para um conhecimento mais aprofundado desta constituição pode-se consultar a sua tradução em inglês, *The Constitution of the Socialist Federal Republic of Yugoslavia*, Cross-Cultural Communications, Nova Iorque, 1976;

<sup>18</sup> Claude Bourdet, "Um Laboratório Socialista", *A Jugoslávia de Tito*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1972, pp. 47-8;

*fascistas croatas, que assassinaram em Marselha, em 1934, o rei Alexandre e Louis Barthou. Durante a guerra, os bandos Ustachi de Ante Pavelitch colaboraram com os nazis e massacraram os Sérvios aos milhares (...) com a bênção do Bispo católico de Zagreb, Mons. Stepinac.*<sup>19</sup>

Depois da morte de Tito, no ano de 1981, a até então aparente estabilidade deixaria de ser o mote. Principalmente na capital da província autónoma do Kosovo, Pristina, os protestos contra a dominação sérvia evidenciam-se e ganham força. Para Claude Bourdet, *Tito sabia que o seu desaparecimento suscitaria um período difícil. Ele procurou durante vários anos fazer-se substituir, organizar a passagem, vigiar as coisas de longe. Mas sem Tito o governo não tinha estrutura. Em Abril, a crise estalava numa forma estranha. Os Ustachi<sup>20</sup> continuam bem organizados nos países ocidentais, sobretudo na Alemanha, Suíça e Suécia; recorda-se ainda o recente assassinio do embaixador da Jugoslávia em Estocolmo, executado por eles.*<sup>21</sup>

As manifestações começaram com protestos estudantis, mas a discussão, na essência, residia nas relações étnicas entre os sérvios e os albaneses que viviam naquela província. As exigências nacionalistas albanesas do Kosovo provocaram o nacionalismo sérvio e este, de imediato, provocou o nacionalismo croata e assim por diante. Os problemas na antiga Jugoslávia acentuaram-se e, apesar de tudo, aceleraram-se quando sobe à cena o líder sérvio Slobodan Milosevic.

Milosevic irá utilizar a frustração sérvia para construir um sentimento anti-titista e nacionalista. Inicialmente, toma o poder no Partido Comunista Sérvio, alargando-o ao Estado da Sérvia e consolidando-se através do problema das províncias do Kosovo e da Vojvodina, no final, acaba por tomar indirectamente o poder no Montenegro.

O conflito na Jugoslávia foi consequência do processo de desintegração do Estado multinacional em nome do anti-comunismo, da democracia e da vontade popular de autodeterminação. A Jugoslávia multiétnica não existe, de facto, desde o aparecimento dos nacionalismos violentos.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Idem, *Ibidem*;

<sup>20</sup> Idem, pp.49-50;

<sup>21</sup> Milan Rados, *Quem Matou (...)*, *Op.cit.*, p. 93;

<sup>22</sup> Idem, *Ibidem*; Sobre os conflitos que se sucederam no pós-comunismo no território da ex-Jugoslávia ler os artigos de Shale Horowitz, "War After Communism: Effects on Political and Economic Reform in the Former Soviet Union and Yugoslavia", *Journal of Peace Reserach*, vol. 40, n.º 1, Sage, Londres, 2003, pp.25-48, e de , Valerie Bunce, "Peaceful versus Violent State Dismembeement: A comparison of the

Em 28 de Junho de 1989, dia mítico sérvio - Vidovdam, numa grande festa no Kosovo, foram comemorados os 600 anos da Batalha do Kosovo. Falando nessa manifestação, Milosevic afirma que tudo estaria a postos para dominar a Jugoslávia, ameaçando, se necessário, com armas, os seus adversários. A oposição política ao líder sérvio não lhe possibilitaria este domínio. Nesse ano, Slobodan Milosevic<sup>23</sup> declara o Kosovo como solo sagrado da Sérvia. Na região autónoma do Kosovo existiam, à data, quase dois milhões de pessoas de etnia albanesa, compreendendo 93% da população num iminente e grave perigo. Em 1989, as autoridades sérvias dissolveram o parlamento legítimo do Kosovo, um acto sem precedentes na História recente da Europa. Sob pressão sérvia, as autoridades jugoslavas impuseram uma ocupação militar e um sistema de apartheid caracterizado pela expropriação de propriedades albanesas, expulsões forçadas, fogos, prisões e assassinatos políticos. As autoridades sérvias também encorajaram a violência (incluindo assassinatos e violações) de cidadãos albaneses pelas forças irregulares sérvias presentes no Kosovo. A Sérvia iniciou, claramente, uma intenção de limpeza étnica dos albaneses no Kosovo. Uma pequena minoria de croatas do Kosovo também sofreu idêntica repressão.<sup>24</sup>

*O plano apresentado pela Sérvia denominado como a Grande Sérvia, outrora criado, agora renascia e estender-se-ia à Bósnia-Herzgovina, Montenegro, Macedónia, Kosovo, Vojvodina, Croácia, Albânia, Roménia, Hungria e Bulgária. Como os sérvios são, em geral, uma minoria nesses territórios, a estratégia adoptada seria a de limpar os territórios de elementos não sérvios. Slobodan Milosevic foi hábil em defender dois interesses aparentemente contraditórios: a herança de Tito, que ia de encontro a uma irmandade e unidade, bem como, os interesses nacionais sérvios no Kosovo.*<sup>25</sup>

Em 1989 a situação dos albaneses agudiza-se e os protestos albaneses, que tinham começado muito antes desta data, intensificam-se. Queria-se a separação da Sérvia e da Jugoslávia, uma vez declarada a República, o Kosovo só faria parte da Federação caso a sua população o desejasse.

---

Soviet Union, Yugoslavia, and Czechoslovakia”, *Politics & Society*, vol.27, n.º 2, Sage, Londres, Junho de 1999, pp.217-37;

<sup>23</sup> Sobre a ascensão de Milosevic ao poder consultar, Florence Hartmann, *Milosevic, la diagonale di fou*, Denoël, Paris, 1999, e, Vidosav Stevanovic, *Milosevic, une épitaphe*, Paris, Fayard, 2000;

<sup>24</sup> Stjepan Mestrovic, *Genocide After Emotion - The Postemotional Balkan War*, Routledge, Grã-Bretanha, 1996; p. 37;

<sup>25</sup> Idem, p. 103;

Se por um lado, os albaneses queriam maior autonomia, por outro, os sérvios queixavam-se da existência de uma limpeza étnica, prosseguida na direcção da minoria sérvia, silenciosa.

A razão do reforço do poderio sérvio no Kosovo em finais dos anos oitenta prendia-se com o facto de que em 1987, quando Milosevic visitou o Kosovo, teria ouvido as queixas dos sérvios em inferioridade numérica. Nessa altura prometeu resolver a questão, o que lhe valeu de imediato o apoio incondicional de todos os sérvios.

Com a nova Constituição em 1989 a Sérvia toma de facto o Kosovo, a maioria albanesa passa a ser minoria no território total da Sérvia. Os protestos albaneses voltam a aumentar de tom. Assim, a 28 de Fevereiro de 1989, aquando da declaração de Slobodan Milosevic, é proclamado estado de emergência no Kosovo é enviado o exército federal para o território.

Em 1990,<sup>26</sup> a 2 de Junho, o Parlamento da província autónoma do Kosovo vota e proclama a República do Kosovo.

Anos mais tarde, a 31 de Março de 1998 o Conselho de Segurança da ONU condenava a excessiva força policial por parte dos sérvios em relação aos albaneses. Apesar das tentativas de negociação através de meios diplomáticos, tal não foi conseguido, a tensão amplificou-se. O pretexto para desencadear a guerra foi facilmente encontrado – em 15 de Janeiro de 1999 foram descobertos 45 mortos albaneses na localidade de Racak. No dia seguinte a matança foi atribuída aos sérvios (não se chegou a provar terem sido de autoria sérvia estas mortes).<sup>27</sup>

Ao que parece, os bombardeamentos de 1999 encontraram o mote nos dois massacres que terão ocorrido em território kosovar. O primeiro em Orahovac, 1998, e o segundo em Racak, no ano seguinte. O massacre de Orahovac terá sido baseado em boatos. Até hoje não foram encontrados factos ou evidências que o comprovassem. O massacre seguinte, Racak, acabou por ser o imperativo da ingerência na região, ensejo esse, gerador de grande controvérsia em termos internacionais. As ideias de ingerência e intervenção suscitariam, como já sublinhámos, largas discussões sobre o Direito dos e nos Estados Soberanos.

Curiosamente ainda em 1998 em Agosto, num artigo escrito por Richard Caplan era referida uma crise no Kosovo em progressiva aproximação, com uma análise histórica, legal mas

---

<sup>26</sup> Sobre os conflitos em território balcânico, sobretudo nos anos noventa, ver a o estudo apresentado por R. Craig Nation, "War in the Balkans, 1991-2002", *Monografias*, Strategic Studies Institute, Carlisle, Agosto de 2003;

<sup>27</sup> Idem, p.268;

sobretudo com uma visão do que foi sendo importante em todo o decénio dos anos 90 naquela região, Caplan quase acerta no futuro.<sup>28</sup>

No calor dos bombardeamentos, quase todo o Ocidente apoiou, claramente, a acção da OTAN. No entanto, com o passar do tempo e com a análise mais aprofundada dos factos algumas dúvidas latentes foram suscitadas. Chegaram as incertezas, afinal os órgãos de comunicação social podem ter dado apenas algumas vertentes da problemática, vertentes, essas, cuidadosamente seleccionadas. Poder-se-á ter atingido um certo grau de desinformação. Por exemplo, *a OTAN tinha suscitado a indignação geral ao «revelar» a descoberta de uma «fossa comum» com 700 cadáveres albaneses exumados nas minas de Trepca no Kosovo. Em 11 de Outubro, o porta-voz do TPI, citando um relatório de peritos, confessava que a fossa comum de Trepca nunca tinha existido e que nenhum cadáver tinha sido ali exumado, tendo as acusações sido baseadas em testemunhos de Albaneses próximos da UÇK tentando agravar os factos.*<sup>29</sup>

O que aconteceu após os bombardeamentos de 1999 deve ser do conhecimento geral, algumas das constatações mais gritantes são as que muitos autores referem como o resultado, a médio prazo, destas acções tão propagandeadas. O ano de 1999 marcaria o ignorar de um dos valores estatais mais enaltecidos, a soberania jugoslava era posta de parte ao nível internacional. As alterações foram imediatas, com as leis federais suspensas, os polícias alfandegários da Sérvia não poderiam voltar ao Kosovo, como se previa acontecer, e o último reduto soberano, a moeda é “destituída”, o marco alemão substitui o antigo dinar. *Nos primeiros sete meses subsequentes à ocupação do território pela NATO, cerca de 700 cidadãos estrangeiros entraram e instalaram-se no Kosovo sem quaisquer documentos, visto ou registo das autoridades competentes. Entre eles, centenas de criminosos condenados na Albânia – segundo as autoridades de Belgrado.*<sup>30</sup>

Entre o fim dos bombardeamentos, 1999, e os nossos dias já decorreram dez anos. Neste período a situação no Kosovo sofreu algumas alterações. Inicialmente, após o término dos conflitos a Resolução 1244 do Conselho de Segurança da ONU coloca o Kosovo em administração transitória através da UN Interim Administration Mission in Kosovo (UNMIK). Desta administração e respeito pela Resolução dependeria o futuro estatuto do Kosovo.

---

<sup>28</sup> Richard Caplan, “International diplomacy and the crisis in Kosovo”, *International Affairs*, vol.74, n.º 4, The Royal Institute of International Affairs, Londres, Outubro de 1998 pp. 745-61;

<sup>29</sup> Alexandre del Valle, *Guerras Contra a Europa*, Hugin, Lisboa, 2001, pp.276-7;

<sup>30</sup> Idem, pp.220-1;

O processo de fim desta missão começa a ser delineado em 2005, seguindo-se-lhe os anos de 2006 e de 2007 que trouxeram negociações entre o Kosovo e a Sérvia, o que, no entanto não gerou consensos. A Sérvia continuava a tentar manter o território kosovar enquanto parte integrante do seu território, ainda que com um elevado grau de autonomia, mas os albaneses do Kosovo não aceitavam nenhuma outra situação que não fosse um Kosovo Independente. A 17 de Fevereiro de 2008 essa declaração é pronunciada pela Assembleia Parlamentar do Kosovo.

De momento a Sérvia continua a não aceitar a declaração de independência do Kosovo e apelou ao Tribunal Internacional de Justiça no sentido de contestar a legalidade da declaração kosovar.

### 3. A COMUNIDADE E A IDENTIDADE

Os factores religiosos e étnicos são bastante importantes neste conflito, como aliás, já sublinhámos variadas vezes. Não lhe ficando atrás a importância do nacionalismo exacerbado. Por exemplo a justificação humanitária ocorrida em 1999 firma-se nas diferenças étnico-religiosas e daí, numa noção de minoria vs. maioria e opressão, quase vislumbrando a antítese *schmittiana* de amigo vs. inimigo. Não nos devemos esquecer de um pormenor muito relevante, que altera a moldura da situação de análise, a maioria das igrejas e mosteiros da Igreja Ortodoxa Sérvia encontrarem-se no Kosovo, região onde maioritariamente se pratica o culto do Islão.

O factor territorial depende directamente do anteriormente elucidado, ou seja, a situação geográfica do Kosovo enquanto pertença, quer de sérvios, quer de albaneses. James Hooper afirma que este conflito entre população sérvia e albanesa tem como alicerces um problema marcadamente geopolítico. Dentro desta ideia Hooper fala na existência de *elementos* da força de guerrilha que combateram os Sérvios e esperavam criar uma terra natal comum albanesa unindo as populações albanesas que vivem nos Estados Balcânicos da Sérvia, Albânia, Macedónia e Montenegro.<sup>31</sup> De acordo com o mito da formação do Estado da Sérvia, o sangue sérvio foi derramado e consagrado em solo do Kosovo. Decorrente disto, a ideia da integridade da nação sérvia será inconcebível sem a integração do Kosovo no seu território. *Este foi um*

---

<sup>31</sup> James Hooper, "Kosovo: America's Balkan Problem", *Current History*, vol. 98, n.º 637, Current History, Inc., EUA, 1999, p.159;



*renovamento calculado deste mito numa justificação política para a ditadura, a agressão e o genocídio que definiu e alimentou a subida de Slobodan Milosevic.*<sup>32</sup>

Acrescenta-se ainda o agente religioso, com uma importância particular no deflagrar e na prossecução dos conflitos nesta região. Todd, a nosso ver correctamente, afirma que as recorrentes crises jugoslavas, sobretudo as do Kosovo, terão possibilitado todo o género de atitudes ético-morais e menos posições de análise científica. Uma atenta visão sobre o mapa do mundo faz-nos aceder à ideia de que esta é uma zona de fronteira, um território de relacionamento, não necessariamente, entre a Cristandade e o Islão (zona que vai da Jugoslávia à zona central da Ásia). O autor reflecte sobre o papel que a conjuntura ocidental tem enquanto refluxo do próprio comunismo e da transição islâmica. Como que a verificação de uma ocorrência de modernização mental mais ou menos frequente ao longo dos anos 90, afirma que: *os confrontos no Cáucaso e os outros, mais breves, que se desenrolaram na Ásia Central, têm inúmeros pontos em comum com os da Jugoslávia. Para mais, a sobreposição de duas crises de transição só pode redundar numa transição agravada, não podendo, em caso algum, definir um estado estrutural e permanente de conflito entre populações.*<sup>33</sup>

Fica uma dúvida no ar, se é certo que há uma diferença étnica, religiosa e até cultural entre sérvios e albaneses, é também certo que têm uma história em comum, ou se não, em paralelo. *Hoje, multiplicam-se as entidades que reclamam voz própria, a globalização contribuiu para um nível de ressurgimento de particularismos, reactivando a importância dos laços culturais, por vezes étnicos, em prejuízo dos contratos políticos. A falência do projecto de Gandhi para a criação da Grande Índia, que se desdobrou em Paquistão, Bangladesh e União Indiana, é o exemplo padrão, a que a Jugoslávia está a corresponder agora com o seu processo de dissolução, onde aparecem a República Croata da Bósnia, a República Sérvia de Krajina, a República Sérvia da Bósnia-Herzegovina, o Kosovo.*<sup>34</sup>

Mas será esta região constituída por uma Sociedade, ou por sociedades? Ou ainda por uma Comunidade ou comunidades? Ferdinand Tönnies na sua obra *Gemeinschaft und Gesellschaft*, em 1887, diferencia o conceito de Sociedade do conceito de Comunidade. A ideia de Sociedade é apresentada enquanto a vontade dos indivíduos, nascida do livre arbítrio dos seus membros. De acordo com este autor as sociedades são baseadas em interesses. A Sociedade

---

<sup>32</sup> Idem, p.159;

<sup>33</sup> Idem, p.52;

<sup>34</sup> Adriano Moreira, Estudos de Conjuntura Internacional, *Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000, pp. 290-291;*

apresenta-se como uma *realidade sui generis, pertence à categoria da totalidade, particularmente difícil de captar pelo espírito humano.*<sup>35</sup>

Todavia, tendo em mente o conceito de Sociedade, podemos considerar uma outra definição, a da Sociedade vista como o *estado dos homens ou animais que vivem sob a acção das leis comuns: as abelhas vivem em sociedade. Reunião de pessoas ou de animais submetidos a leis comuns: cada família forma uma sociedade natural*<sup>36</sup> ou pode, ainda, interpretar-se como a *reunião ou associação de pessoas que, em maior ou menor número, se associam livremente para com os seus esforços porem em prática um fim comum.*<sup>37</sup> As definições conceptuais variam de autor para autor, por exemplo, para Herskovits poderá ser considerada Sociedade um conjunto de indivíduos que adoptaram um certo formato de se reger no que concerne ao seu modo de vida. Uma maneira de viver a que se chamou de cultura. Para o autor as partes sociais seriam unidades culturais, conta, assim, a cultura e o modo como se vive. Ao olharmos para a situação que é vivida no Kosovo em termos sociais facilmente encontramos pontos de semelhança com as concepções aqui apresentadas.

Noutra óptica, Ralph Linton tem como ideia de Sociedade a que se coaduna com um determinado agrupamento de seres humanos que vivem e trabalham de forma organizada e em conjunto. A partir desta definição deve-se chegar à percepção de uma unidade social que tem limites estipulados e visíveis. Para Linton, um mero agrupamento periódico de pessoas, sem racionalidade aparente, não deve ser confundido com a noção de Sociedade. Refere-se, deste modo, a uma Sociedade baseada na convivência e no trabalho comum.<sup>38</sup> Eduardo de Castro desenvolve a interpretação de que a Sociedade, enquanto termo e realidade, se direcciona no sentido característico da *condição humana*, uma vez que, *todos nós somos necessariamente criaturas sociais, e por tal dependentes da sociedade para vivermos enquanto humanos.*<sup>39</sup>

Ao considerarmos o conceito de comunidade<sup>40</sup> devemos ter em conta o Estado em que a mesma se insere. Muitos são os autores que têm colocado a questão comunitária visando,

---

<sup>35</sup> Idem, p.412;

<sup>36</sup> AA. VV., "Sociedade", *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXIX, Editorial Enciclopédia Lda., Lisboa/Rio de Janeiro, s.d., p.456;

<sup>37</sup> Idem, *Ibidem*;

<sup>38</sup> A este propósito consultar a obra anteriormente citada, pp. 456-7 e seguintes;

<sup>39</sup> Eduardo V. de Castro, "Society", *Encyclopaedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge, London & New York, s.d., p.514;

<sup>40</sup> Sobre este assunto consultar para um conhecimento mais aprofundado consultar: Ferdinand Tönnies, *Community and Civil Society*, Cambridge University Press, Reino Unido, 2001, e, J.F. Grossiaux,

como noção central, a ideia de Estado. Sobre esta temática podem utilizar-se palavras de Reinhold Zippelius quando afirma que *a comunidade estatal é uma totalidade de indivíduos cujas condutas são coordenadas de maneira específica: a comunidade, no fundo, constitui-se como estrutura de condutas orientadas por um determinado sentido, e a comunidade estatal, em especial, constitui-se como estrutura de acção juridicamente organizada. Desta concepção de estado aproxima-se um dos significados originários do vocábulo "status" que designa um Estado, uma determinada "constituição" de convivência.*<sup>41</sup>

Ao longo da História da Humanidade muitos foram os que se referiram ao conteúdo do conceito Comunidade, ainda que, muitas vezes a própria palavra não fosse empregue. Por exemplo, *ao afirmar que o homem é um "animal político" Aristóteles atribui ao ser humano, como qualidades naturais e específicas, a sociabilidade e a comunidade.*<sup>42</sup> Identicamente podemos defini-la enquanto a qualidade do que é comum, a comunhão, um conjunto de pessoas e/ou animais juntos em sociedade, em comum e em agremiação.<sup>43</sup>

Linguisticamente, a palavra comunidade encontra sentidos que se aproximam do sociológico, podendo-se falar da comunidade nacional, da comunidade local, da comunidade religiosa, e de outras que se resumem a colectividades de indivíduos que nas mesmas entraram livremente, procurando na comunidade a satisfação total ou parcial das suas necessidades. Na Sociologia, em assentamento com Ferdinand Tönnies e, por sua influência, a Comunidade opõe-se à ideia de Sociedade ou Associação, surgindo, ambas, como dois tipos ideais, à maneira de Weber, da inter-relação entre seres humanos. *A comunidade (gemeinschaft), é o resultado do "querer natural, orgânico, inerente ao ser" e traduz-se em "coabitação íntima, secreta e exclusiva".*<sup>44</sup> De acordo com o autor germânico, a comunidade seria um tipo especial de associação, directamente relacionado com imperativos inerentes ao ser humano. A comunidade ligava-se ao livre arbítrio numa maneira muito especial, de pertença, não só à vontade de escolher pertencer ou não, mas à vontade de Ser.

---

"Communauté", *Dictionnaire de l'Ethnologie et de l'Anthropologie*, Presses Universitaires de France, Paris, s.d., pp.165 e seguintes;

<sup>41</sup> Reinhold Zippelius, *Teoria Geral do Estado*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, p.61;

<sup>42</sup> F. Irene Fonseca, "Comunidade", *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Edição Século XXI, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, s.d., p.704;

<sup>43</sup> Acerca desta temática podem-se encontrar mais pormenores na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Op.cit.*, vol. VII, pp.323 e seguintes;

<sup>44</sup> Augusto da Silva, "Comunidade", *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XV, Editorial Verbo, Lisboa, s.d., pp. 706-7;

Apesar das dificuldades na sua fronteirização, podemos assumir, teoricamente, que a comunidade representa *uma pertença ao passado (Tönnies), um comportamento comunitário contemporâneo (Frankenberg, Minar e Greer, Warner), solidariedade política (étnica, local, religiosa), ou um futuro utópico (um idílio rural, uma ordem mundial), aqui, não obstante, é sempre um conceito de avaliação e evocação positivas, cujo uso expressa e deduz um grupo social e um ambiente social que as pessoas defendem e desejam pertencer.*<sup>45</sup>

E o nacionalismo, que papel ocupa no passado, presente e futuro da região? No Kosovo acontece a interação de grupos com certas tradições culturais diferentes, como sejam a língua, a religião e a tradição nacional, embora sejam pouco distintos do ponto de vista rácico. É o que se verifica com as minorias nacionais<sup>46</sup> existentes em muitas áreas, de que se constituem exemplos os diversos países da Europa de Leste, cuja história tem sido, justamente, muito afectada pelos problemas de harmonização das diversas nacionalidades,<sup>47</sup> como Óscar Soares Barata refere, acerca dos nacionalismos. A realidade do que se passa no Kosovo tem uma componente étnica, isso é praticamente indiscutível, no entanto, será que tem uma componente nacionalista? No que nos é dado a conhecer pensamos que sim, e mais, acreditamos em razões históricas de orgulho nacional de posse. Desde os movimentos nacionalistas que se desenvolveram nos séculos XVIII e XIX, e que falámos anteriormente, até aos conflitos últimos baseados em migrações, ao exacerbar de sentimentos nacionalistas, étnicos e religiosos por parte de governantes e/ou de líderes locais, até ao mascarar de interesses vários de carácter económico e até ilegal por motes como os interesses das comunidades, à glocalização, muitos foram os factores que permitiram este recrudescimento de sentimentos de pertença<sup>48</sup> e luta pela diferença étnica e nacional.

Quer sérvios quer albaneses têm as suas razões espaço-temporais para encarar o Kosovo como ponto do território. Portanto, esta luta nacionalizada advém de há séculos. A sua

---

<sup>45</sup> Nigel Rapport, "Community", *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge, Londres, 1996, p.114;

<sup>46</sup> No Kosovo quer os sérvios quer os albaneses, ao longo dos anos, negaram, esconderam e até tentaram deslocar os ciganos para fora do seu território. Este processo tendia a negar a sua identidade enquanto uma comunidade também política. Tal não começou com a guerra, foi de alguma forma traçado e planeado metodologicamente através de uma política pública e desenvolvida nas relações inter-étnicas no Kosovo. Fala Nando Sigona, no seu artigo "How Can a 'Nomad' be a 'Refugee'? Kosovo Roma and Labeling policy in Italy", *Sociology*, vol. 37(1), Sage, EUA, 2003, p. 73, que, *são os Kosovares esquecidos, aqueles a quem foi negado o direito de reconhecer as vítimas*, sobre as vítimas dos bombardeamentos de 1999;

<sup>47</sup> Óscar Soares Barata, *Introdução às Ciências Sociais*, vol.II, Bertrand Editora, Venda-Nova, 1991, pp.222-3;

<sup>48</sup> Veja-se sobre a ideia de pertença a um determinado local/território, Gertjan Dijkink, *National Identity and geopolitical visions: maps of pride and pain*, Routledge, Londres, 1996, pp.1-16;

resolução é marcadamente delicada. A dramática questão do Kosovo é a que mais recentemente aponta para a caracterização do desafio, porque se tratou da integridade territorial do Estado, porque ali estava e está uma raiz do património histórico da Sérvia.

*Mas, será que a exaltação das origens, da identidade, a mistificação da história e a partilha de valores semelhantes são suficientes para forjar uma nação? Para criar, no cidadão, o novo sentimento de fazer parte de uma pátria comum? As diferenças que tinham sido minimizadas no processo que levou à unificação – e apenas esta foi obtida – vieram a constituir o fermento de querelas que, tragicamente, deveriam envenenar a vida desse Estado jugoslavo, ameaçado de fragmentação. O nacionalismo tinha cimentado o país, os nacionalismos acabaram por dividi-lo.<sup>49</sup>*

## II. A HISTÓRIA DO PRESENTE

### 1. DUAS AUTO-PROCLAMAÇÕES DE INDEPENDÊNCIA – 1991 e 2008

Edgar Morin na sua obra *Os Fraticidas*, apresenta-nos uma perspectiva muito completa dos conflitos da Jugoslávia entre os anos de 1991 e 1995. Os conflitos que ocorreram na Croácia, Eslovénia e Bósnia-Herzegovina centralizam a sua análise.<sup>50</sup> Decorrente destas percepções podemos apresentar, em termos sintéticos, como causas do(s) conflito(s) regional(ais) nos Balcãs os seguintes antagonismos:<sup>51</sup>

1. Turquia vs. Grécia (desde meados do século XIV parte do Mar Egeu é cobiçado pela Turquia);
2. Turquia vs. Bulgária (existência de uma minoria turca na Bulgária);
3. Bulgária vs. Grécia (Tratado de Santo Stefano – 1878, prevista a inclusão do nordeste da Grécia – a Trácia Ocidental – na “Grande Bulgária” o que após a II Grande Guerra acaba por não acontecer);

<sup>49</sup> Ignácio Ramonet, *Geopolítica do Caos*, Editora Vozes, Petrópolis, 1999, p.94;

<sup>50</sup> Morin foca-se mais no conflito bósnio e na ideia da divisão jugoslava que se constataria na sua dissolução anos mais tarde e no prolongar no próprio conflito, posteriormente do Kosovo. In, Edgar Morin, *Os Fraticidas: Jugoslávia-Bósnia, 1991-1995*, Relógio d'Água, Lisboa, 1996;

<sup>51</sup> Agostinho Dias da Costa, *Os sérvios e a estabilidade dos Balcãs* (dissertação de Mestrado em Relações Internacionais), Universidade Lusíada, Lisboa, 2002;

4. Bulgária vs. Sérvia (para a "Grande Bulgária" o Este e Sudeste da Sérvia deveria ser sua pertença territorial);
5. Ex-república Jugoslava da Macedónia vs. Grécia (macedónios na Grécia pretendem ser reconhecidos enquanto cidadãos de pleno direito, contudo os gregos não reconhecem a minoria; os macedónios advogam a união das suas minorias, presentes nos vários países balcânicos, na Grande Macedónia);
6. Grécia vs. Albânia (minorias grega na Albânia que se quer juntar à "Grande Albânia"; preconiza-se a anexação do noroeste da Grécia);
7. Ex-república Jugoslávia da Macedónia vs. Albânia (minorias macedónia na Albânia que requer o reconhecimento);
8. Albânia vs. Jugoslávia (Kosovo e Montenegro são alvo da luta entre os dois Estados);
9. Ex-república Jugoslava da Macedónia vs. Sérvia (parte de Macedónia é considerada o berço histórico da Sérvia).

Apesar destes antagonismos regionais absolutamente latentes, esta zona é uma área onde as disputas geoestratégicas/geopolíticas, por parte de vários Estados e organizações é igualmente aguerrida, ainda que nem sempre visível à primeira análise. Agostinho da Costa refere mesmo que *os Balcãs têm-se mantido como uma zona de disputa entre os Estados Unidos da América, Rússia, França, Alemanha, Reino Unido, Turquia e Itália, bem como o Vaticano, a União Europeia, a OSCE e a ONU, são alguns dos países e Organizações Internacionais que têm influenciado os acontecimentos na encruzilhada balcânica.*<sup>52</sup> Agostinho prossegue e vai mais longe e mais fundo ao entrar na dimensão interna, assim, afirma que *o conflito jugoslavo foi (...) essencialmente uma guerra entre as diferentes entidades da Federação, em resultado de um processo de luta pelo poder no interior de cada república. Para vencer esta luta e impedir as alterações radicais que se perspectivavam, uma parte das elites canalizou o debate político para o campo das reivindicações étnicas, encetando, deliberadamente, uma estratégia destinada a inicialmente transmitir a percepção e, posteriormente a confirmação, da existência de um conflito de natureza étnica e nacional no país.*<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> Idem, p.61; Para chegar a estas conclusões o autor baseia-se em Jovan Ilic, *The Balkan Geopolitical Knot and the Serbian Question*, Faculdade de Geografia – Universidade de Belgrado, Belgrado, p.19 e 16, 17 e 18;

<sup>53</sup> Idem, pp.127-8;

Com a nova Constituição em 1989 a Sérvia toma de facto o Kosovo, a maioria albanesa passa a ser minoria no território total da Sérvia. Os protestos albaneses voltam a aumentar de tom. Assim, a 28 de Fevereiro de 1989, aquando da declaração de Slobodan Milosevic, é proclamado estado de emergência no Kosovo é enviado o exército federal para o território.

No início dos anos 90 o Parlamento da província autónoma do Kosovo vota e proclama a República do Kosovo. Imediatamente a Sérvia tenta a dissolução da Assembleia de Pristina, a polícia sérvia ocupa os pontos centrais da capital como a rádio e a televisão. A situação torna-se mais explosiva que antes, mas os nacionalistas albaneses optam por uma resistência não-violenta, sob a égide de um novo líder - Ibrahim Rugova.

A prossecução da independência continua e, a 22 de Setembro de 1991, o Parlamento dos albaneses no Kosovo vota nova declaração de proclamação da independência da República do Kosovo. Iniciar-se-ia um novo governo liderado por Bujar Bukoshi.<sup>54</sup>

Em 1992 são realizadas, clandestinamente, as primeiras eleições multipartidárias, e a Liga Democrática do Kosovo (LDK), liderada por Rugova, ganha com cerca de 90% dos votos. Ibrahim seria eleito presidente com 95% dos votos. A partir deste momento (Maio de 1992) surgiram dois sistemas políticos paralelos no Kosovo: um, do poder de Belgrado, que instalou o governo regional liderado pelos sérvios, e outro, desenvolvido na clandestinidade pelo governo e pelo presidente da autoproclamada República do Kosovo. Tudo isto havendo uma forte presença de forças policiais sérvias na província.<sup>55</sup>

A segunda auto-proclamação de independência por parte do território do Kosovo ocorre a 17 de Fevereiro de 2008. O Parlamento do Kosovo decide declarar independência, sem que haja qualquer oposição interna ao mesmo. Em boa verdade houve uma totalidade dos votos a favor, 100%, isto é, dos 109 parlamentares, 109 votaram a favor da auto-proclamação de independência. Por seu lado, os 11 representantes da Sérvia no Parlamento do Kosovo optaram por boicotar este momento.

Recuando ao final dos bombardeamentos de 1999, a OTAN impõe a KFOR de acordo com a *United Nation Security Council Resolution (UNSCR) 1244* adoptada a 10 de Junho de 1999 (aquando do fim do conflito). Após a resolução em causa, o Kosovo ficou sob administração temporária da Missão da Nações Unidas no Kosovo (*United Nations Mission in Kosovo – UNMIK*), com a liderança de um representante especial do Secretário Geral da ONU. Atente-se

---

<sup>54</sup> A este propósito ver Milan Rados, *Quem Matou (...)*, *Op.cit*, p.262;

<sup>55</sup> *Idem, Ibidem*;

que nesta resolução não há uma definição no que concerne à soberania, ou seja, há um compromisso por parte de todos os Estados-membros da ONU em termos da soberania e da integridade territorial da República Federal da Jugoslávia (RFJ) tal como de outros Estados da região. De denotar que este raciocínio assenta no *Helsinki Final Act* e no seu Anexo II.<sup>56</sup>

A 15 de Maio de 2001 a UNMIK aprova um *constitutional framework for Provisional self-government*. Desta forma produz-se um enquadramento constitucional mas não, uma Constituição no real sentido da palavra. Com isto queremos dizer que a UNMIK é deliberativamente sem exercer *juízo* em relação a assuntos mais controversos, como é o caso da soberania.

Em Fevereiro de 2007, Martti Ahtisaari, o enviado especial da ONU, entrega nas Nações Unidas uma primeira versão de um documento da proposta de estatuto para o Kosovo negociada entre Belgrado e Pristina. Tal proposta baseava-se na noção de *supervised independence* para a província, acabaria por ser revisto várias vezes, e no final rejeitado em sede das Nações Unidas. Depois de muitas discussões em torno deste documento, houveram claros impedimentos por parte dos Estados Unidos da América, do Reino Unido e de outros países (20 de Julho de 2007).

Cerca de quatro meses depois, o líder dos albaneses do Kosovo avança para uma proposta unilateral de independência. Quase automaticamente os EUA, o Reino Unido e a França reconhecem o estatuto de independência (a 28 de Novembro e a 10 de Dezembro, respectivamente). Um pouco mais tarde, no dia 17 de Fevereiro de 2008, Hashim Thaçi, líder dos albaneses do Kosovo, apresenta a declaração de independência, mais tarde consagrada na Constituição da República do Kosovo (15 de Junho de 2008).

Até ao dia 16 de Janeiro de 2009, 54 dos Estados-membros da ONU reconheceram a República do Kosovo como independente. Dos 27 Estados-membros da UE, já 22 a reconheceram, e dos 26 Estados-membros da OTAN 22 também já a reconheceram.

Este mapeamento dos reconhecimentos é importante para percebermos a importância do assunto. Por exemplo seria a Alemanha o primeiro Estado a ter Embaixada na República do Kosovo, transformado que foi oficialmente, a 28 de Fevereiro de 2008, o escritório diplomático que mantinha em Pristina numa Embaixada. Claro que a esta situação não é alheio o facto de haver uma grande comunidade de albaneses do Kosovo imigrados para território alemão,

---

<sup>56</sup> In, [http://www.osce.org/documents/mcs/1975/08/4044\\_en.pdf](http://www.osce.org/documents/mcs/1975/08/4044_en.pdf);



como aliás acontece com o território suíço e norte-americano, factos que não devem ser desconsiderados neste *jogo* internacional.

Os acontecimentos que ocorreram na ONU contaram com alguns dados interessantes, ainda que previsíveis em muitos dos casos. Dos Estados-membros com poder de veto no Conselho de Segurança, os EUA, a França e o Reino Unido reconheceram automaticamente a independência kosovar, por outro lado a República da China – Taiwan, expressou alguma preocupação com o acontecimento, enquanto que a Rússia exerceu o seu poder de veto. Da vertente de aconselhamento do Tribunal Internacional de Justiça, dos 192 Estados-membros 77 votaram a favor, seis contra, 74 abstiveram-se e 35 não votaram.

Como se vê, efectivamente a favor votaram menos de metade dos Estados, não conseguimos devido à certa variedade de situações compreender na totalidade o sentido das abstenções e dos “não votos” uma vez que, as razões podem ir desde uma demonstração de descontento por essa situação, ainda que não se comprometendo com um *não*, até a manifestações de desagrado com outras situações, por exemplo.

## **2. OS CRITÉRIOS MOBILIZADOS NO RECONHECIMENTO E NO NÃO RECONHECIMENTO EM 2008<sup>57</sup>**

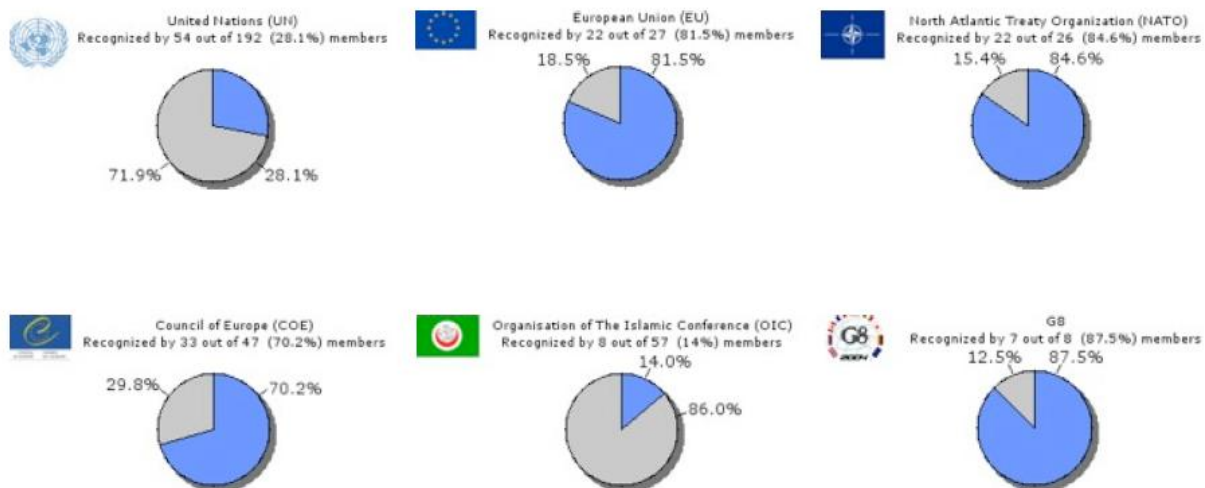
Através da escolha de quatro países que reconheceram a República do Kosovo e de quatro países que o não fizeram procurámos perceber quais foram os critérios para tal. Esta nossa selecção prendeu-se com factores que posteriormente explicaremos. Por enquanto importa assinalar o facto de se terem escolhido quatro países de cada e não mais porque o leque de escolhas é muito abrangente, e só assim poderíamos fazer uma pequena “análise de conteúdo” dos discursos proferidos.

Antes de avançarmos para esses pontos, convém fazer uma análise mais agregada do número de países que reconheceram e dos que não reconheceram a República do Kosovo. Sendo assim, e conforme se pode comprovar pela *Imagem 1* podemos retirar algumas conclusões interessantes, ainda que apenas válidas para o momento presente.

---

<sup>57</sup> Os textos integrais das declarações dos países seleccionados, tal como a fonte de onde foram retirados, encontram-se no final deste trabalho, mais concretamente no Anexo I e no Anexo II;

**Imagem 1 – Gráficos de Países que reconheceram e que não reconheceram a República do Kosovo (por organização internacional)**



Fonte: <http://www.kosovothanksyou.com/statistics/>, consultado em 30-01-2009;

Dos Estados-membros da ONU, cerca de 28.13% (54 Estados de entre 192) reconheceram o Kosovo enquanto um Estado independente. Dos 27 Estados-membros da União Europeia, 22 já demonstraram o seu reconhecimento em relação aos kosovares (81.48%). No que diz respeito aos membros da OTAN, cerca de 84.62% manifestaram o reconhecimento do Estado Kosovar, ou seja, 22 em 26. Já no Conselho da Europa o número de reconhecimentos decresce um pouco, 70.21%, o que em números concretos revela 33 reconhecimentos de 47 Estados-membros. Uma elevada percentagem de reconhecimentos é igualmente constatada ao nível do G8, onde dos oito Estados-membros, sete reconheceram. O cenário inverte-se se tivermos em consideração a OIC, em que apenas oito dos 57 Estados-membros (14.05%) reconheceram o território do Kosovo como independente.

Para uma noção mais visual da distribuição dos reconhecimentos e dos não reconhecimentos da República do Kosovo tenhamos em conta a *Imagem 2*, que se segue:

**Imagem 2 – Mapa mundo com os países que reconheceram  
e os que não reconheceram a República do Kosovo**



Fonte: [http://www.kosovothanksyou.com/maps/world\\_large.png](http://www.kosovothanksyou.com/maps/world_large.png), consultado em 30-01-2009;

Legenda: AZUL – países que já reconheceram o Kosovo; AMARELO – países em vias de reconhecerem o Kosovo; CINZENTO – países que não reconheceram o Kosovo.

## **2.1. DOS PAÍSES QUE RECONHECERAM O ESTATUTO DA REPÚBLICA DO KOSOVO EM 2008 – OS CASOS DOS EUA, DA FRANÇA, DA ITÁLIA E DE PORTUGAL**

De entre os países que até Janeiro de 2009 reconheceram a República do Kosovo como um Estado independente, optámos por seleccionar, para uma análise mais aprofundada quanto aos argumentos dos mesmos, os EUA, a França, a Itália e Portugal.

A nossa selecção baseia-se em algumas razões que convém salientar. No que concerne aos EUA a nossa escolha centra-se, em essência, no poderia económico, militar e tecnológico da muitas vezes denominada *Potência Mundial*. Além desta clara razão, urge assinalar que foi, em grande medida por iniciativa dos EUA que a OTAN iniciou os bombardeamentos ao território sérvio em 1999, tal como, tem a *federação* norte-americana desde há anos demonstrado um interesse que classificamos de estratégico na região.

Primeiro, no que diz respeito à própria esfera de influência da OTAN nesta região, depois como ponto de passagem numa região tampão como são os Balcãs, barreira entre o mundo

*occidental e oriental*. Além do anteriormente referido, convém a este propósito sublinhar o contrapeso que a região balcânica tem em relação à Rússia, quer por ser ponto de passagem de aquedutos de gás natural, quer por ser zona de influência *natural* da ex-URSS. De sublinhar igualmente que existe uma grande comunidade de albaneses do Kosovo imigrados em território norte-americano. Contudo, apesar destes interesses estratégicos e até geoestratégicos, não deixa de ser relevante a realidade de que os albaneses no Kosovo são na sua maioria muçulmanos e que, decorrente deste facto, existem referências a ligações entre estes movimentos de independência kosovar, de que destacamos o Exército de Libertação do Kosovo muitas vezes transmutado e, por exemplo, a *Al-Qaeda*.

Outro dos países que apresentamos em análise é a França. Em boa verdade a actuação dos franceses tem sido um pouco dúbia. Por norma e historicamente, a França sempre foi um interlocutor dos países da região balcânica, sobretudo da Sérvia. Apesar disso, aquando dos bombardeamentos de 1999, os franceses surgem no papel de apoiantes dos mesmos, ao contrário do que poderíamos inicialmente pensar. Acreditamos que este apoio tinha como fim último a tentativa de causar o mínimo de danos à Sérvia, já que a situação era inevitável, assim como ao seu povo, com vista a acelerar a sua reconstrução e a reconciliação entre as etnias presentes no seu território.<sup>58</sup>

Relativamente à Itália importa destacar que, por norma, o país lida de uma forma muito particular com todas as crises balcânicas, ou não sofresse directamente com as mesmas crises, devido à sua proximidade geográfica. A nova ordem europeia foi encontrando, a pouco e pouco, no Adriático, uma fronteira que separa a Itália das regiões balcânicas, onde a primeira detinha parte da sua zona de influência. Em verdade, a Itália está separada da península balcânica pelo Adriático, onde se liga ao Mediterrâneo pelo estreito de Otrante. As suas fronteiras tocam-se de tal forma que Fiúme, uma cidade que chegou a ser território jugoslavo é hoje italiana, e não deixa de ser importante como os próprios EUA vêem a Itália como um ponto estratégico importante no que aos Balcãs diz respeito, conforme se comprova pelas seguintes palavras. *É inegável que os americanos sempre consideraram a Itália mais como uma base estratégica (devido ao facto de estar no coração do Mediterrâneo), do que como um aliado militarmente importante.*<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> Sobre este assunto ler Denise Artaud, «Waging Modern War, Bósnia, and the Future of Combat», *General Wesley K. Clark*, New York, Public Affairs, 2001, p. 478; pode-se consultar no lugar da *Internet*: [www.fri.org/politique\\_etrangere/PE\\_2\\_02\\_lectures.pdf](http://www.fri.org/politique_etrangere/PE_2_02_lectures.pdf);

<sup>59</sup> Bruno Teissier, *Geopolitique de l'Italie*, Éditions Complexe, Bruxelas, 1996, p.11.

Portugal consta da nossa selecção pelas razões óbvias, primeiro porque nos interessa perceber quais são as posições do Estado português no que concerne à *criação* deste novo Estado, depois para tentarmos depreender porque é que o nosso país se comportou como a maioria dos Estados-membros da UE, e depois por dois outros pontos essenciais, o facto de Portugal ter participado na força missão de manutenção da paz KFOR da OTAN, e da UNMIK, e por ter havido uma certa hesitação no reconhecimento português. Não deverá ser, igualmente alheio o facto que os nossos vizinhos, os espanhóis, não tenham apoiado esta declaração de independência.

Tendo em consideração o anteriormente referenciado, importa agora fazer uma análise dos respectivos discursos por país por nós seleccionado e que reconhece a independência do Kosovo. Desta forma, apresentaremos cada um dos países individualmente, primeiro num formato de tabela, mais analítico, e depois com a interpretação possível dos textos em apontamentos da nossa autoria.

Além dos textos das declarações dos diferentes Estados, colocámos alguns dados sobre os mesmos, designadamente, uma referência às palavras mais utilizadas nos trechos que escolhemos, a referência à existência ou não de minorias étnicas com peso e reivindicativas de independência no território desses Estados (este ponto é para tentarmos perceber se a argumentação do *precedente* se pode aduzir), a religião maioritária no país em questão, o Continente a que pertence e a data da declaração. Posto o anterior avancemos para a análise das quatro tabelas em questão.

**Tabela 1 – Análise do discurso dos EUA**

País	EUA
<b>Discurso motivador</b>	<p><i>U.S. Recognizes Kosovo as Independent State.</i></p> <p><i>The United States has today formally recognized Kosovo as a sovereign and independent state.</i></p> <p><i>The establishment of these relations will reaffirm the special ties of friendship that have linked together the people of the United States and Kosovo.</i></p> <p><i>Nine years ago, the international community, led by NATO,</i></p>

	<p><i>acted to end brutal attacks on the Kosovar Albanian population.</i></p> <p><i>(...) developed a plan to build a democratic and multi-ethnic Kosovo and recommended Kosovo be independent, subject to a period of international supervision. In light of the conflicts of the 1990s, independence is the only viable option to promote stability in the region.</i></p> <p><i>The unusual combination of factors found in the Kosovo situation -- including the context of Yugoslavia's breakup, the history of ethnic cleansing and crimes against civilians in Kosovo, and the extended period of UN administration - are not found elsewhere and therefore make Kosovo a special case. Kosovo cannot be seen as a precedent for any other situation in the world today.</i></p> <p><i>The United States takes this opportunity to reaffirm our friendship with Serbia, an ally during two world wars.</i></p>
<b>Palavras a destacar</b>	<i>Laços de amizade; ataques brutais; plano democrático e multiétnico; única opção viável; caso especial.</i>
<b>Existência de minorias étnicas com peso e reivindicativas de independência</b>	Não
<b>Religião maioritária</b>	Cristianismo
<b>Continente</b>	América
<b>Data da declaração</b>	18-02-2008

Os EUA apresentam a sua declaração de reconhecimento da República do Kosovo um dia após esta ter sido anunciada. Claros apoiantes da causa kosovar, a primeira frase do discurso manifesta univocamente o reconhecimento, *U.S. recognizes Kosovo as Independent State.*

Ter em consideração que esta região é um Estado soberano e independente, por parte do país mais influente do mundo é particularmente importante. Os EUA falam mesmo em relações e laços especiais de amizade entre o povo norte-americano e o povo kosovar.

Posteriormente há nas palavras desta declaração algumas justificações de carácter valorativo e interpretativo, equacionadas como verdades e que convém esmiuçar. Fala-se dos conflitos que se deram em 1999 aquando da acção da OTAN. Curiosas são as palavras utilizadas como *international community*, quando inicialmente quem agiu unilateralmente e sem o apoio da ONU foi a OTAN logo não a comunidade internacional legitimada na primeira instituição, e, quando se fala em *brutal attacks on the Kosovar Albanian population*, não deixando de ser curioso constatar que morreram mais pessoas vítimas dos bombardeamentos do que nas supostas *matanças* pré-conflito.

Outra das argumentações para a aceitação relaciona-se com o carácter democrático e multiétnico que o Kosovo tem demonstrado ser nos últimos anos.

E seguidamente o último argumento que nos parece ser particularmente interessante pois reforça o carácter excepcional desta acção em relação ao Kosovo, primeiro ao afirmar-se que esta é a única solução para a região, *In light of the conflicts of the 1990s, independence is the only viable option to promote stability in the region*. Depois, ao registar-se a diferença desta situação a outras, com vista a evitar precedentes talvez, *The unusual combination of factors found in the Kosovo situation – (...) – are not found elsewhere and therefore make Kosovo a special case. Kosovo cannot be seen as a precedent for any other situation in the world today*.

Finalmente há uma clara tentativa de repor a boa imagem junto aos sérvios, ao reafirmarem a amizade com a Sérvia e referirem que foram seus aliados na I e II Guerras Mundiais.

**Tabela 2 – Análise do discurso da França**

País	FRANÇA
Discurso motivador	<p><i>Les ministres des Affaires étrangères des vingt-sept Etats membres de l'Union Européenne, prenant acte de cette nouvelle réalité, ont confirmé aujourd'hui l'engagement européen au Kosovo.</i></p> <p><i>J'ai l'honneur de vous informer que la France, en plein accord avec cette déclaration de l'Union Européenne, et tirant les conséquences de la résolution adoptée par l'Assemblée du</i></p>

	<p><i>Kosovo le 17 février 2008, reconnaît dès à présent le Kosovo comme un État souverain et indépendant.</i></p> <p><i>Je saisis également cette occasion pour vous redire le prix qu'attache la France à ce que l'indépendance du Kosovo contribue à la stabilité des Balkans occidentaux. Je forme le vœu que la mise en œuvre des dispositions du statut puisse avancer rapidement et que le Kosovo établisse avec tous ses voisins des relations de bon voisinage.</i></p>
<b>Palavras a destacar</b>	União Europeia; Estado soberano e independente; estabilidades; Balcãs; boa vizinhança.
<b>Existência de minorias étnicas com peso e reivindicativas de independência</b>	Não
<b>Religião maioritária</b>	Cristianismo
<b>Continente</b>	Europa
<b>Data da declaração</b>	18-02-2008

A declaração francesa é proferida no dia a seguir à própria declaração de independência da República do Kosovo. As primeiras palavras são direccionadas para uma justificação europeia, ou seja, refere-se que os ministros dos negócios estrangeiros dos 27 Estados-membros. Tal pode-se constatar através das suas palavras, *Les ministres des Affaires étrangères des vingt-sept Etats membres de l'Union Européenne, prenant acte de cette nouvelle réalité, ont confirmé aujourd'hui l'engagement européen au Kosovo.*

O acordo pleno, como referencia a declaração, desta decisão da UE com o que os franceses pensam é bem vincada pelos próprios.

Finalmente a segunda e última argumentação, além da institucional como já referimos, prende-se com o sublinhar de que a independência do Kosovo poderá contribuir para uma estabilidade a zona dos Balcãs ocidentais, para isso tendo em consideração os vizinhos e as relações com eles.



Tabela 3 – Análise do discurso da Itália

País	ITÁLIA
<b>Discurso motivador</b>	<i>Il Consiglio, sentita la relazione del Ministro degli affari esteri, Massimo D'Alema, e in linea con le conclusioni del Consiglio dei Ministri dell'Unione Europea del 18 febbraio scorso, ha deliberato di autorizzare lo stesso Ministro degli esteri a rispondere positivamente alla richiesta formulata dalle Autorità di Pristina di riconoscere il Kosovo come Paese indipendente, in un quadro di supervisione internazionale, e a stabilire con il Kosovo relazioni diplomatiche.</i>
<b>Palavras a destacar</b>	Conselho de ministros da União Europeia; país independente;
<b>Existência de minorias étnicas com peso e reivindicativas de independência</b>	Não
<b>Religião maioritária</b>	Cristianismo
<b>Continente</b>	Europa
<b>Data da declaração</b>	21-02-2008

A Itália afirma a sua aceitação da república do Kosovo quatro dias depois da declaração unilateral. As palavras utilizadas a este respeito são poucas e pouco aprofundas as suas razões e/ou argumentação.

O Estado italiano opta por se autojustificar a partir da decisão conjunta tomada no dia 18 de Fevereiro anterior e por parte do Conselho de ministros da União Europeia, conforme palavras da declaração, *Il Consiglio, sentita la relazione del Ministro degli affari esteri, Massimo D'Alema, e in linea con le conclusioni del Consiglio dei Ministri dell'Unione Europea del 18 febbraio scorso, ha deliberato di autorizzare lo stesso Ministro degli esteri a rispondere positivamente alla richiesta formulata dalle Autorità di Pristina di riconoscere il Kosovo come Paese indipendente, in un quadro di supervisione internazionale, e a stabilire con il Kosovo relazioni diplomatiche.*

Como comprovamos pelas palavras anteriores há aqui um outro ponto que realçamos e que certamente se prenderá com a proximidade geográfica da Itália em relação ao Kosovo, isto é, a

reafirmação de que o novo país independente se encontra num quadro de supervisão internacional.

Utilizando os motes relativos a conjuntos de Estados e não apenas relativos a decisões próprias, a Itália coloca-se numa posição mais confortável quer perante o Kosovo quer, por exemplo, perante a Sérvia. Ambos seus vizinhos.

**Tabela 4 – Análise do discurso de Portugal**

País	PORTUGAL
<b>Discurso motivador</b>	<p><i>Portugal, que neste momento contribui para KFOR com um batalhão, procedeu a uma avaliação metódica da questão, constatando que as autoridades do Kosovo têm respeitado os compromissos assumidos perante a ONU. O Governo entende que a evolução dos acontecimentos no Kosovo é globalmente positiva.</i></p> <p><i>Verifica-se também que 21 Estados-membros da União Europeia e outros tantos da NATO efectuaram já o reconhecimento do Kosovo. Foram ainda acompanhados por Estados que nos são próximos, num total de 47. Estão assim a ser criadas as condições para que o Kosovo se integre plenamente na comunidade internacional.</i></p> <p><i>O Kosovo representa, recorde-se, um caso único, tendo o processo que levou à sua independência sido conduzido pelas Nações Unidas, com envolvimento directo da União Europeia e de outras organizações que Portugal integra. O Relatório do Enviado Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas, Martti Ahtisaari, foi devidamente ponderado nesse quadro.</i></p> <p><i>Portugal reiterou consistentemente o seu apoio às aspirações europeias da Sérvia, e não se tem poupado a esforços para que estas possam ser concretizadas. Dar uma perspectiva europeia à Sérvia é um dos objectivos da nossa política externa, a par do reforço das relações bilaterais com aquele Estado.</i></p>

<b>Palavras a destacar</b>	Avaliação metódica; respeito por compromissos; evolução dos acontecimentos globalmente positiva; reconhecimento de 21 Estados-membros da UE; Kosovo integre plenamente na comunidade internacional; caso único; apoio às aspirações europeias da Sérvia – objectivo da política externa portuguesa.
<b>Existência de minorias étnicas com peso e reivindicativas de independência</b>	Não
<b>Religião maioritária</b>	Cristianismo
<b>Continente</b>	Europa
<b>Data da declaração</b>	07-10-2008

O reconhecimento de Portugal à República do Kosovo foi tardio quando comparado com os outros 21 Estados-membros que já reconheceram o território, data de 7 de Outubro de 2008.

A argumentação lusa procura bastantes justificações, pelo menos se comparada com as que até agora apresentámos. Inicialmente refere-se a participação portuguesa à na KFOR e a sua avaliação relativamente à realidade, *Portugal, que neste momento contribui para KFOR com um batalhão, procedeu a uma avaliação metódica da questão, constatando que as autoridades do Kosovo têm respeitado os compromissos assumidos perante a ONU. O Governo entende que a evolução dos acontecimentos no Kosovo é globalmente positiva.* Como se constata, faz-se uma avaliação do comportamento kosovar relativamente aos compromissos assumidos.

A segunda argumentação apresentada é a europeia, ou seja, o facto de a maioria dos Estados-membros da EU tenham reconhecido o Kosovo, e depois os da OTAN, seguindo-se-lhe os números relativos à ONU, conforme as seguintes palavras, *e outros tantos da NATO efectuaram já o reconhecimento do Kosovo. Foram ainda acompanhados por Estados que nos são próximos, num total de 47.* Fala-se então em viabilidade e, deste modo da plena integração do novo Estado na comunidade internacional.

Na tentativa de eliminar o precedente, refere-se a singularidade da situação, *o Kosovo representa, recorde-se, um caso único, tendo o processo que levou à sua independência sido*

*conduzido pelas Nações Unidas, com envolvimento directo da União Europeia e de outras organizações que Portugal integra.*

E finalmente, num ponto bastante relevante as palavras dirigidas à Sérvia, ao manifestar o apoio português e sobretudo deixando uma nota muito importante, a de que se insere nos objectivos da política externa portuguesa a integração europeia do país em questão, *Portugal reiterou consistentemente o seu apoio às aspirações europeias da Sérvia, e não se tem poupado a esforços para que estas possam ser concretizadas. Dar uma perspectiva europeia à Sérvia é um dos objectivos da nossa política externa, a par do reforço das relações bilaterais com aquele Estado.*

## **2.2. DOS PAÍSES QUE NÃO RECONHECERAM O ESTATUTO DA REPÚBLICA DO KOSOVO EM 2008 – OS CASOS DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, DA GRÉCIA, DA ÍNDIA E DA RÚSSIA**

Houveram países que não reconheceram até aos dias de hoje a República do Kosovo, é sobre o seu discurso que nos debruçaremos de seguida, sobre as suas justificações quando existirem e sobre os seus argumentos.

No que concerne à República Popular da China o não reconhecimento é bastante previsível, logo encetado aquando dos bombardeamentos da OTAN em 1999. A Pequim comunista ter-se-á sentido visada já que interliga os factos à sua política no Tibete e às ameaças de guerra contra Taiwan. Ainda no ano dos bombardeamentos, Jiang Zemin e Boris Yeltsin discutem em Junho de 1999, na China, a situação do Kosovo. Ambos, renovam a ideia de se ter de respeitar a integridade territorial da Jugoslávia, e a necessidade de se pararem os bombardeamentos. Também se verifica uma grande influência da Rússia em relação à China no sentido de se encontrar uma solução pacífica para o Kosovo.

Se ficarmos pelo Mediterrâneo, em território grego, a Grécia, apesar de hoje pertencer à UE, insere-se numa região algo problemática em termos de conflitos, por exemplo o *território grego oferece vantagens consideráveis para intervir na península balcânica, aquela transformou-se num maior jogo regional onde se jogam as relações entre as diferentes potências europeias, a Rússia e os Estados Unidos. Os antigos perigos desapareceram, os americanos poderiam inspirar-se no exemplo russo e soviético e tentar utilizar o espaço grego e balcânico como um instrumento de desestabilização da região com o fim de estabelecer a sua influência hegemónica sobre o Mediterrâneo oriental assim como sobre o Oriente próximo. Por*

*outro lado, a colocação em evidência das enormes riquezas petrolíferas do mar Cáspio criou um novo jogo, pois, no momento, a principal rota de exportação destes petróleos atravessa o mar Egeu, via o mar Negro e os estreitos.*<sup>60</sup>

Nos últimos tempos a Grécia tem tido um importante papel ao tentar a estabilidade nos Balcãs, mesmo quando a Jugoslávia se desintegrou já nos anos 90.

Também no que concerne à democratização na Sérvia a Grécia tem tido uma importante função, uma Sérvia mais estável e democrática possibilitaria uma política balcânica mais vantajosa para os países da zona. *Com os seus fortes laços com a Sérvia, a Grécia está bem colocada para desempenhar um papel importante na promoção do processo de integração.*<sup>61</sup>

Já no que diz respeito à Índia a situação de proximidade é marcadamente diferente. Em 1999 a Índia opôs-se à ingerência da OTAN no território jugoslavo, basicamente por motivos idênticos aos da Rússia. A Índia tem problemas internos relacionados com minorias étnicas e religiosas e, a ingerência num Estado soberano como a República Federal da Jugoslávia poderia vir a criar um precedente para outras acções.

O mote da acção indiana funda-se em Caxemira, onde diversos movimentos muçulmanos, há muito, reivindicam a autodeterminação e relatam violações de direitos humanos, perseguições e operações contra esta população. Mas, a posição indiana nem sempre foi neste sentido, por exemplo em 1971 na Guerra do Bangladesh a Índia apoiou a independência. Mais tarde as forças indianas intervieram na guerra civil do Paquistão, ainda nos anos 80 têm idêntica atitude no Sri Lanka. Como se pode provar a Índia foi ingerindo nas soberanias de alguns dos seus países vizinhos, quer por interesses geopolíticos, quer por interesses estratégicos. Todavia, a Índia também interveio algumas vezes por razões humanitárias.

Aludindo-se à Rússia a sua posição contra estas alterações no mapa mantém-se. Com os bombardeamentos da Aliança, o sentimento russo em relação ao Ocidente tornou-se ainda mais vulnerável. Sobretudo a partir deste período, parece passar a haver uma clara desilusão dos russos no que diz respeito à actuação da OTAN, mais concretamente, no que diz respeito aos Estados Unidos. Moscovo sente uma clara necessidade de encontrar novos parceiros ao nível internacional, com vista a construir uma capacidade defensiva. O autor Alexei Arbatov declara que *a guerra na Jugoslávia terminou com as esperanças de uma parceria genuína em termos de segurança militar e de cooperação entre a Rússia e a OTAN. Uma vez mais, a Rússia*

---

<sup>60</sup> Georges Prévélakis, *Geopolitique de la Grèce*, Éditions Complexe, Bruxelas, 1997, p.16;

<sup>61</sup> Idem, p.40;

ajuíza a OTAN como a sua principal preocupação num futuro previsível.<sup>62</sup> Ainda sobre esta relação entre a OTAN e a Rússia, há quase um braço de ferro invisível. Henry Kissinger argumentaria, no decurso do último processo “evolutivo” de Aliança, que *os Estados da Europa Central ao tornarem-se membros da OTAN podem realmente ajudar a desacreditar o movimento revanchista russo ao demonstrarem que o Ocidente resolve os seus problemas.*<sup>63</sup> A anterior e clara influência russa, primordial noutros períodos nesta região do globo, é claramente afectada. Nos céus da Hungria, da Roménia, da Bulgária e mesmo da Ucrânia, quem lidera agora é a Aliança Atlântica. Não terá agradado à Rússia ter sido remetida para um segundo plano no que dizia respeito ao caso do Kosovo, até porque, esta foi em tempos, como sublinhámos, uma das suas muitas áreas de influência, e o Kremlin demonstra sempre uma grande apreensão no que concerne a ingerências por factores humanitários, claro está, primeiro devido à Chechénia e depois à possibilidade de recrudescimento de muitos outros nacionalismos existentes no seu território.

**Tabela 5 – Análise do discurso da República Popular da China**

País	REPÚBLICA POPULAR DA CHINA
<b>Discurso motivador</b>	<p><i>Kosovo declared independence unilaterally on February 17, over which China expresses grave concern.</i></p> <p><i>The resolution of the Kosovo issue bares on peace and stability of the Balkan region, the fundamental norms governing international relations as well as the authority and role of the UN Security Council. China always believes that a plan acceptable to both Serbia and Kosovo through negotiations is the best way to resolve this issue.</i></p> <p><i>The unilateral move taken by Kosovo will lead to a series of consequences. China is deeply worried about its severe and negative impact on peace and stability of the Balkan region and the goal of establishing a multi-ethnic society in Kosovo.</i></p>
<b>Palavras a destacar</b>	Declaração de independência unilateral; grande preocupação;

<sup>62</sup> Alexei G. Arbatov, *The Transformation of Russian (...), Op.cit.*, pp.1-2;

<sup>63</sup> Hall Gardner, *Surviving the Millennium: American Global Strategy, the Colapse of the Soviet Empire, and the Question of Peace*, Praeger, Westport, 1994, p.16;

	negociação entre a Sérvia e o Kosovo – o mais aceitável; impacto severo na estabilidade e paz dos Balcãs.
<b>Existência de minorias étnicas com peso e reivindicativas de independência</b>	Sim
<b>Religião maioritária</b>	Budista
<b>Continente</b>	Ásia
<b>Data da declaração</b>	18-02-2008

A República Popular da China não reconhecer a declaração de independência do Kosovo. De facto, logo no dia 18 de Fevereiro, manifesta grande preocupação em relação a esta declaração unilateral de independência.

A argumentação que inicia prende-se com o facto de esta declaração poder colocar em risco a estabilidade e a paz na região dos Balcãs, como podemos ver pelas seguintes palavras, *the resolution of the Kosovo issue bares on peace and stability of the Balkan region, the fundamental norms governing international relations as well as the authority and role of the UN Security Council.*

Os argumentos chineses vão, posteriormente, ao encontro da Sérvia e da necessária negociação entre sérvios e kosovares no sentido de resolverem a situação a contento.

A República Popular da China acredita que esta acção unilateral encetarà uma série de consequência, e demonstra a sua preocupação com a situação sublinhando, de novo, a situação como um mote que pode por em causa a paz e a estabilidade, *China is deeply worried about its severe and negative impact on peace and stability of the Balkan region and the goal of establishing a multi-ethnic society in Kosovo.*

**Tabela 6 – Análise do discurso da Grécia**

País	GRÉCIA
<b>Discurso motivador</b>	<i>First of all, let me tell you that the 27 reached an agreement on a common text of European Union positions on Kosovo. It</i>

	<p><i>was a long and extremely difficult discussion, and we succeeded, in the end, in agreeing on the text that will be distributed to you and that sets down the basic axes of the European policy.</i></p> <p><i>Greece has always believed and continues to believe that the best solutions to differences and problems arise from mutually acceptable arrangements. From dialogue and negotiations. Not from unilateral actions and accomplished facts.</i></p> <p><i>What is most important now – and what needs to be ensured – is the stability and security of the region. These are, moreover, the fundamental prerequisites for any aspirations to a European perspective.</i></p> <p><i>As the oldest member of the EU and NATO in Southeast Europe, Greece will make its own contribution to this collective effort. Our participation in the European presence in Kosovo confirms and strengthens our role as a regional force for responsibility and stability.</i></p> <p><i>As regards the issue of recognition of the new state of affairs – which can in no way serve as a precedent – Greece will take its decisions at a coming stage, when it has examined all of the developments in depth; all of the dimensions and consequences these developments have for regional security and Greece's interests.</i></p> <p><i>(...) we will continue to work closely with our European partners and our neighbouring countries, bearing in mind the special role Serbia has in maintaining regional equilibrium and stability.</i></p>
<b>Palavras a destacar</b>	<p>União Europeia; acordos são as melhores soluções; diálogo; negociações e não ações unilaterais; manter a estabilidade e a segurança na região; a decisão da Grécia será tomada posteriormente.</p>
<b>Existência de minorias étnicas</b>	<p>Sim</p>



<b>com peso e reivindicativas de independência</b>	
<b>Religião maioritária</b>	Cristianismo (ortodoxo)
<b>Continente</b>	Europa
<b>Data da declaração</b>	18-02-2008

A posição da Grécia relativamente aos factos em análise é por enquanto o não reconhecimento, todavia isto poder-se-á alterar, *as regards the issue of recognition of the new state of affairs – which can in no way serve as a precedent – Greece will take its decisions at a coming stage, when it has examined all of the developments in depth; all of the dimensions and consequences these developments have for regional security and Greece's interests.* Mas avancemos para o que foi a argumentação grega no que diz respeito a este assunto.

O primeiro ponto apontado pelos gregos refere-se à União Europeia, mais uma vez a comunidade serve de foco legitimizador para aspectos mais controversos. Afirma-se que *the 27 reached an agreement on a common text of European Union positions on Kosovo. It was a long and extremely difficult discussion, and we succeeded, in the end, in agreeing on the text that will be distributed to you and that sets down the basic axes of the European policy.*

A declaração grega avança no sentido de reforçar a ideia da crença em soluções mutuamente aceites, baseadas no acordo, *from dialogue and negotiations. Not from unilateral actions and accomplished facts.*

O outro aspecto central deste discurso é a preocupação, uma constante de entre as declarações que temos analisado, sobre a estabilidade e a segurança da região. Facto que afecta directamente a Grécia, devido à sua proximidade geográfica. Depois coloca-se numa posição de auxílio à situação, ao disponibilizar-se para contribuir no esforço de estabilidade na região, *as the oldest member of the EU and NATO in Southeast Europe, Greece will make its own contribution to this collective effort. Our participation in the European presence in Kosovo confirms and strengthens our role as a regional force for responsibility and stability.*

Finalmente uma palavra para a Sérvia, ao afirmar o apoio à sua integração regional e europeia, *we will continue to work closely with our European partners and our neighbouring countries, bearing in mind the special role Serbia has in maintaining regional equilibrium and stability.*

Tabela 7 – Análise do discurso da Índia

País	ÍNDIA
<b>Discurso motivador</b>	<p><i>"India has a long standing and consistent policy on the issue of recognition. Recognition is normally accorded on the basis of a country having a defined territory, a duly constituted Government in charge which is accepted by the people and which has effective control over an area of governance.</i></p> <p><i>It has been India's consistent position that the sovereignty and territorial integrity of all countries should be fully respected by all states. We have believed that the Kosovo issue should have been resolved through peaceful means and through consultation and dialogue between the concerned parties."</i></p>
<b>Palavras a destacar</b>	Política de reconhecimento consistente; território definido; governo; população; respeito pela soberania; diálogo.
<b>Existência de minorias étnicas com peso e reivindicativas de independência</b>	Sim
<b>Religião maioritária</b>	Hinduísmo
<b>Continente</b>	Ásia
<b>Data da declaração</b>	18-02-2008

Dos textos até agora analisados, este é o primeiro que refere, ainda que indirectamente, que considera essencial para que um Estado seja reconhecido e/ou definido como tal. O seu reconhecimento baseia-se em alguns aspectos que destacamos, *on the basis of a country having a defined territory, a duly constituted Government in charge which is accepted by the people and which has effective control over an area of governance*, ou seja, um território, um governo correctamente constituído (o poder político) e aceite pelo povo, assim como uma soberania que se enquadra no controle efectivo pela área que governa. Vemos aqui estampados os critérios normalmente utilizados na definição de um Estado em sentido lato.

Em acordo com a Índia deve haver uma soberania e integridade territorial que todos os países devem respeitar, e que por isso mesmo o caso do Kosovo deve ser analisado e resolvido

através de negociações, conforme as palavras seguintes, *it has been India's consistent position that the sovereignty and territorial integrity of all countries should be fully respected by all states. We have believed that the Kosovo issue should have been resolved through peaceful means and through consultation and dialogue between the concerned parties.*

**Tabela 8 – Análise do discurso da Rússia**

País	RÚSSIA
<b>Discurso motivador</b>	<p><i>(...) JOURNALIST FROM THE GERMAN MEDIA: How will Russia react if Kosovo declares its independence? What line will you take in the Security Council and will you vote against independence?(...)</i></p> <p><i>VLADIMIR PUTIN: We think that to support a unilateral declaration of independence by Kosovo is amoral and against the law. Territorial integrity is one of the fundamental principles of international law. The Security Council has issued Resolution 1244, which speaks of Serbia's territorial integrity, and all UN members must respect this resolution. I do not want to offend anyone, but all the same, if we really raise this issue, there has been a de facto independent Republic of Northern Cyprus for 40 years now. Why don't you recognise it? Are you Europeans not ashamed to apply double standards in settling one and the same issue in different parts of the world? Here in this region we have Abkhazia, South Ossetia and Trans-Dniester that exist as independent states. We are always being told that Kosovo is a special case. This is all lies. There is nothing so special about Kosovo and everyone knows this full well. It is the exactly the same situation of an ethnic conflict, crimes committed on both sides and complete de facto independence. We need to decide on a common set of principles for resolving such issues. We are not driving the situation into a dead end. We are proposing to our partners that we draw up a common code of conduct on such matters.</i></p>

	<p><i>Why should we encourage separatism? There are people in Spain who do not want to live together in the same state, why not go and support them? Britain has been fighting for its territorial integrity for four hundred years now in Northern Ireland. Why are you not supporting the Irish? There have to be common standards. If we act only out of political expediency and serve only the political interests of particular countries we will undermine international law and the general order. Even the arms race is fuelled today by the fact that small countries do not feel themselves safe now. International law does not protect small countries' interests and they are forced to seek protection by acquiring the latest weapons. If there was firmly established order there would not be this fear and this need. Of course we will raise this issue in the United Nations Security Council. (...)</i></p> <p><i>ALEKSEI GROMOV: The first part of the question was about the recognition or non-recognition in connection with Kosovo.</i></p> <p><i>VLADIMIR PUTIN: What will we do if they start to recognize Kosovo's independence unilaterally, and will we not do the same? We are not going to start to play the fool. If someone takes a bad, incorrect decision, it does not mean that we should act the same way. But of course it would be a signal to us, and we would respond to the behaviour of our partners in order to ensure that our interests are protected. If they believe they have the right to promote their interests in this way, then why can't we? But, I repeat, we will not play the fool and act like this is a necessary consequence or do the same thing. We have our own affairs, and we know what we will do. (...)</i></p>
<p><b>Palavras a destacar</b></p>	<p>O apoio a uma declaração de independência unilateral é amoral e contra a lei; decisão incorrecta; problemas étnicos; integridades territorial; jogo de interesses.</p>
<p><b>Existência de minorias étnicas</b></p>	<p>Sim</p>

<b>com peso e reivindicativas de independência</b>	
<b>Religião maioritária</b>	Cristianismo (ortodoxo)
<b>Continente</b>	Europa e Ásia
<b>Data da entrevista</b>	14-02-2008

Apesar de não termos uma declaração oficial respeitante ao Kosovo, temos alguns dados de análise por parte do, na altura, presidente russo Vladimir Putin. Curiosamente estas questões foram colocadas três dias antes da declaração unilateral de independência da república do Kosovo.

Assim sendo, as palavras russas são absolutamente contra esta ideia, *we think that to support a unilateral declaration of independence by Kosovo is amoral and against the law. Territorial integrity is one of the fundamental principles of international law.*

Os argumentos contra esta iniciativa kosovar avançam, igualmente, no sentido de se manter a integridade territorial da Sérvia no directo respeito pela *Resolução 1244*. Posteriormente dá alguns exemplos que sustentam a sua perspectiva, *if we really raise this issue, there has been a de facto independent Republic of Northern Cyprus for 40 years now. Why don't you recognise it? Are you Europeans not ashamed to apply double standards in settling one and the same issue in different parts of the world? Here in this region we have Abkhazia, South Ossetia and Trans-Dniester that exist as independent states. We are always being told that Kosovo is a special case. This is all lies. There is nothing so special about Kosovo and everyone knows this full well. It is the exactly the same situation of an ethnic conflict, crimes committed on both sides and complete de facto independence. We need to decide on a common set of principles for resolving such issues. We are not driving the situation into a dead end. We are proposing to our partners that we draw up a common code of conduct on such matters. Why should we encourage separatism? There are people in Spain who do not want to live together in the same state, why not go and support them? Britain has been fighting for its territorial integrity for four hundred years now in Northern Ireland. Why are you not supporting the Irish?*

Para os russos existem normas internacionais que devem ser respeitadas e este é o seu seguinte argumento, mais no sentido de não se decidirem se as noras internacionais são boas ou não de acordo com a arbitrariedade dos Estados e dos seus interesses.

Quando questionado sobre que reacção é que a Rússia teria caso houvesse uma declaração de independência kosovar unilateral, facto que realmente ocorreu, sobre esse assunto o presidente russo diz que lá porque alguém toma uma decisão errada não quer dizer que a Rússia a apoie. Todavia encara tal como um claro sinal, *but of course it would be a signal to us, and we would respond to the behaviour of our partners in order to ensure that our interests are protected. If they believe they have the right to promote their interests in this way, then why can't we? But, I repeat, we will not play the fool and act like this is a necessary consequence or do the same thing. We have our own affairs, and we know what we will do. (...)*

## NOTAS FINAIS

As questões humanas encerram em si complexidades tais, que a sua análise, é sempre um risco e um desafio. As sociedades/comunidades/nações que encerram em si variedade de situações, contextos naturais difíceis, e uma História de confronto, como é o caso dos Balcãs e mais concretamente do Kosovo, acrescentam à complexidade referida anteriormente um grau exponencialmente maior. Portanto, aquando da nossa análise estes factores informativos dirigiram sempre o nosso pensamento.

Por outro lado, a cena internacional e os conceitos valorativos que encerra, serve-se e muitas vezes justifica-se através destes, para guiar as suas normas de actuação nem sempre claras. A opacidade do comportamento dos Estados tem que necessariamente, e de maneira idêntica à complexidade humana supra-referida, ser tida em consideração na análise politológica que procurámos realizar.

Decorrente do anterior, às hipóteses que previamente definimos pretendemos acrescentar algumas observações:

**H1: Os Estados que reconheceram o Kosovo enquanto Estado demonstraram no seu discurso de aceitação do mesmo através de conceitos normativos ou valorativos e H3: Os Estados que não reconheceram o Kosovo enquanto Estado demonstraram no seu discurso de não-aceitação do mesmo através de conceitos normativos ou valorativos.**

De uma maneira ou de outra tal acabou por acontecer, conforme pudémos deslindar aquando da análise dos discursos. Em jeito de reminiscência podemos apontar conceitos como a amizade, a estabilidade ou o respeito, ou outros mais *normativos* como a pertença a

organizações internacionais que decidiram em conjunto num determinado caminho, a integridade territorial dos Estados ou, a resolução 1244. Houve sempre nos discursos analisados conceitos normativos e valorativos de explicação e justificação da tomada de posição de cada um dos Estados.

**H2: Os Estados que reconheceram o Kosovo enquanto Estado não têm no seu território minorias étnicas, religiosas ou outras que advoguem independência e H4: Os Estados que não reconheceram o Kosovo enquanto Estado têm no seu território minorias étnicas, religiosas ou outras que advoguem independência.**

Apesar de não ser uma *amostra* representativa, curiosamente nenhum dos quatro países seleccionados que reconheceram o Kosovo enquanto Estado independente apresenta esta característica. Por outro lado, todos os quatro países seleccionados e que não reconheceram a República do Kosovo apresentam esta característica. Contudo, importa referir que este é apenas um dado e eventualmente um dos motivos, principalmente para o não reconhecimento.

Numa das suas frases mais marcantes, curiosamente a primeira do artigo que de seguida apontamos, William Johnson afirma que *o passado está sempre presente nos Balcãs e define o futuro*.<sup>64</sup>

A este propósito veja-se a multiplicidade de factores que o autor sublinha enquanto causadores de conflito no território da ex-Jugoslávia, **1.** Identidade Étnica, **2.** Religião, **3.** Língua, **4.** Grupos Étnicos, **5.** História, **6.** Mitos Partilhados, **7.** Cultura, **8.** Economia, **9.** Diferenças Regionais, **10.** Urbano vs. Rural, **11.** A Forma do Governo Central, **12.** Nacionalismos, **13.** A Manipulação de Tito dos Grupos Étnicos e dos Territórios e, **14.** A II Guerra Mundial. Estes agentes não deixaram de existir com o passar do tempo, mantêm-se nas raízes fundacionais da região.

Um Kosovo independente poderá ser factor de maior cisma ou de uma esperança para este território tantas vezes retalhado. Resta saber se a dita *Comunidade Internacional* procederá como elemento apaziguador da região ou como combustível para manter o fogo.

---

<sup>64</sup> William T. Johnson, "Deciphering the Balkan Enigma: Using History to Inform Policy", *Relatório do U.S. Army College – Strategic Studies Institute*, 1995, p.IX, disponível em, <http://www.goop.com/worldbookfair/viewpdf.php>.

**BIBLIOGRAFIA**

AA. VV., "Sociedade", *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXIX, Editorial Enciclopédia Lda., Lisboa/Rio de Janeiro, s.d.

AA. VV., *The Constitution of the Socialist Federal Republic of Yugoslavia*, Cross-Cultural Communications, Nova Iorque, 1976.

ARTAUD, Denise, "Waging Modern War, Bósnia, and the Future of Combat", *General Wesley K. Clark*, New York, Public Affairs, 2001;  
[www.fri.org/politique\\_etrangere/PE\\_2\\_02\\_lectures.pdf](http://www.fri.org/politique_etrangere/PE_2_02_lectures.pdf).

BARATA, Óscar Soares, *Introdução às Ciências Sociais*, vol.II, Bertrand Editora, Venda-Nova, 1991.

BESSA, António Marques, "Para uma Geopolítica do Conflito na Europa do Nosso Tempo", *Conjuntura Internacional*, ISCSP-UTL, Lisboa, 1996.

BESSA, António Marques, *Introdução a uma teoria do conflito: uma perspectiva geopolítica*, Fundação Luso-Africana para a Cultura, Lisboa, 1999.

BLANC, André, *Géographie des Balkans*, Presses Universitaires de France, Paris, 1971.

BOURDET, Claude, "Um Laboratório Socialista", *A Jugoslávia de Tito*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1972.

BUNCE, Valerie, "Peaceful versus Violent State Dismemberment: A comparison of the Soviet Union, Yugoslavia, and Czechoslovakia", *Politics & Society*, vol.27, n.º 2, Sage, Londres, Junho de 1999.

CAPLAN, Richard, "International diplomacy and the crisis in Kosovo", *International Affairs*, vol.74, n.º 4, The Royal Institute of International Affairs, Londres, Outubro de 1998, pp. 745-61.





CASTRO, Eduardo V. de, "Society", *Encyclopaedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge, London & New York, s.d.

COSTA, Agostinho Dias da, *Os sérvios e a estabilidade dos Balcãs* (dissertação de Mestrado em Relações Internacionais), Universidade Lusíada, Lisboa.

DIJKINK, Gertjan, *National Identity and geopolitical visions: maps of pride and pain*, Routledge, Londres, 1996.

DRAGNICH, Alex N., *Sérvios e Croatas*, Bertrand Editora, Venda Nova, 1993.

DUROSELLE, Jean-Baptiste, *L'Europe – Histoire de ses Peuples*, Hachette, Paris, 2000;

FONSECA, F. Irene, "Comunidade", *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Edição Século XXI, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, s.d.

GARDNER, Hall, *Surviving the Millennium: American Global Strategy, the Colapse of the Soviet Empire, and the Question of Peace*, Praeger, Westport, 1994.

GIRÃO, António, *A Questão das Nacionalidades nos Nacionalismos e nas Minorias Nacionais na Ex-Jugoslávia*, Universidade Moderna, Lisboa, 1997.

GROSSIAUX, J.F., "Communauté", *Dictionnaire de l'Ethnologie et de l'Anthropologie*, Presses Universitaires de França, Paris, s.d.

HARTMANN, Florence, *Milosevic, la diagonale di fou*, Denoël, Paris, 1999, e, Vidosav Stevanovic, *Milosevic, une épitaphe*, Paris, Fayard, 2000.

HOOPER, James, "Kosovo: America's Balkan Problem", *Current History*, vol. 98, n.º 637, Current History, Inc., EUA, 1999.

HOROWITZ, Shale, "War After Communism: Effects on Political and Economic Reform in the Former Soviet Union and Yugoslavia", *Journal of Peace Reserach*, vol. 40, n.º 1, Sage, Londres, 2003.

JOHNSON, William T., "Deciphering the Balkan Enigma: Using History to Inform Policy",

*Relatório do U.S. Army College – Strategic Studies Institute, 1995;*  
<http://www.goop.com/worldbookfair/viewpdf.php>.

MESTROVIC, Stjepan, *Genocide After Emotion - The Postemotional Balkan War*, Routledge, Grã-Bretanha, 1996.

MILL, John Stuart, *A System of Logic, Ratiocinative and Inductive – Being a Connected View of the Principles of Evidence and the Methods of Scientific Investigation*, Livro VI, Routledge, Grã-Bretanha, 1996.

MOREIRA, Adriano, *Estudos de Conjuntura Internacional, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000.*

MOREIRA, Carlos Diogo, *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*, ISCSP-UTL, Lisboa, 1994.

MORIN, Edgar, *Os Fraticidas: Jugoslávia-Bósnia, 1991-1995*, Relógio d'Água, Lisboa, 1996;

NATION, Craig, "War in the Balkans, 1991-2002", *Monografias*, Strategic Studies Institute, Carlisle, Agosto de 2003.

PRÉVÉLAKIS, Georges, *Geopolitique de la Grèce*, Éditions Complexe, Bruxelas, 1997.

RADOS, Milan, *Quem Matou a Jugoslávia?* Campo de Letras, Porto, 1999.

RAMONET, Ignácio, *Geopolítica do Caos*, Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

RAPPORT, Nigel, "Community", *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge, Londres, 1996.

SIGONA, Nando, "How Can a 'Nomad' be a 'Refugee'? Kosovo Roma and Labeling policy in Italy", *Sociology*, vol. 37(1), Sage, EUA, 2003.

SILVA, Augusto da, "Comunidade", *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XV, Editorial Verbo, Lisboa, s.d.

TEISSIER, Bruno, *Geopolitique de l'Italie*, Éditions Complexe, Bruxelas, 1996.

TÖNNIES, Ferdinand, *Community and Civil Society*, Cambridge University Press, Reino Unido, 2001.

VALLE, Alexandre del, *Guerras Contra a Europa*, Hugin, Lisboa, 2001.

ZIPPELIUS, Reinhold, *Teoria Geral do Estado*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997.

*Sítios na Internet:*

[http://www.osce.org/documents/mcs/1975/08/4044\\_en.pdf](http://www.osce.org/documents/mcs/1975/08/4044_en.pdf);

<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/kv.html>.

<http://www.kosovothanksyou.com/statistics/>,

[http://www.kosovothanksyou.com/maps/world\\_large.png](http://www.kosovothanksyou.com/maps/world_large.png)

[http://www.usatoday.com/news/world/2008-02-17-kosovo-independence-text\\_N.htm](http://www.usatoday.com/news/world/2008-02-17-kosovo-independence-text_N.htm)

<http://www.america.gov/st/texttrans-english/2008/February/20080218150254bpuh5.512637e-02.html>,

[http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/pays-zones-geo\\_833/balkans\\_1056/kosovo\\_650/france-kosovo\\_4601/proclamation-independance-du-kosovo-18.02.08\\_59650.html#sommaire\\_2](http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/pays-zones-geo_833/balkans_1056/kosovo_650/france-kosovo_4601/proclamation-independance-du-kosovo-18.02.08_59650.html#sommaire_2)

<http://www.governo.it/Governo/ConsiglioMinistri/dettaglio.asp?d=38401>

<http://www.mne.gov.pt/mne/pt/noticias/200810072015.htm>,

<http://www.mfa.gov.cn/eng/xwfw/s2510/t408032.htm>,

[http://www.mfa.gr/www.mfa.gr/Articles/en-US/190208\\_alp\\_1300.htm](http://www.mfa.gr/www.mfa.gr/Articles/en-US/190208_alp_1300.htm)

<http://meaindia.nic.in/pressbriefing/2008/02/18pb01.htm>

[http://www.kremlin.ru/eng/speeches/2008/02/14/1011\\_type82915\\_160266.shtml](http://www.kremlin.ru/eng/speeches/2008/02/14/1011_type82915_160266.shtml)